

Candis da colecção do Museu Nacional de Arqueologia*

Eva-Maria von Kemnitz**

Resumo

Os artefactos de iluminação da época islâmica, ou seja os candis, representam cerca de 25% do número total das peças atribuídas a esse período existentes na colecção do Museu Nacional de Arqueologia (MNA).

A sua representatividade, tanto em termos cronológicos como em termos de tipologias, permite traçar um primeiro esboço da evolução da forma de candil em território português focando sobretudo os aspectos formais e estéticos devido ao facto de que essas peças, desprovidas do contexto arqueológico, permitirem apenas uma atribuição cronológica por analogia com peças congêneres noutras colecções.

Trata-se de material, na maior parte inédito, e que, em função da sua origem, oferece especial interesse para o estudo da cultura material da época islâmica em Portugal.

* O presente artigo surge como resultado de investigação sobre a Colecção Islâmica do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) no âmbito do Inventário do Património Móvel promovido pelo Instituto Português de Museus (IPM) e decorre do Projecto de Valorização do Património Islâmico de Portugal, apresentado pela autora (Actas XXV Congresso da Associação Portuguesa de Museologia, Funchal, 1990 – no prelo) e reestruturado posteriormente durante o Curso de Gestão das Artes (*Towards the Enhancement of the Knowledge of the Islamic Heritage of Portugal*, Instituto Nacional de Administração, INA, 1992, texto policopiado).

Desejamos expressar os agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Luís Raposo, Director d'O *Arqueólogo Português* e simultaneamente Director do MNA, pelo interesse demonstrado e pela oportunidade de publicação deste texto da autoria de uma não-arqueóloga.

No que diz respeito à parte iconográfica do trabalho, não podemos deixar de agradecer a excelente colaboração da desenhadora do MNA, Ex.^{ma} Sr.^a D. Helena Figueiredo, e do fotógrafo, Ex.^{mo} Sr. Miguel Flávio.

** Eva-Maria von Kemnitz, arabista e conservadora de museu. Contacto: Rua Padre António de Oliveira, 4; 2780 Caxias

Abstract

This article presents a survey of the Islamic oil lamps from the National Museum of Archaeology. They amount to about 25% of the total number of Islamic items in its collection.

They represent a large range of forms, decorative motives and materials (clay and metal), practically covering the whole period of the Arab-Islamic presence in the country, thus enabling the illustration of the evolution of this artifact.

Constituting, for the most part, unpublished material, they offer an interesting insight into the culture of the Islamic period in Portugal.

"Deus é a Luz dos Ceus e da Terra. Essa luz é como um nicho onde se encontra uma lâmpada e a lâmpada colocada num cristal semelhante à estrela brilhante; essa lâmpada acende-se de árvore abençoada, uma oliveira que não é de Oriente, nem de Ocidente e o seu azeite está aceso sem que o fogo lhe toque. É luz sobre luz. Deus encaminha para a Sua luz quem quer e Deus propõe parábolas aos homens pois Deus tudo conhece"
(Alcorão, XXIV: 35)¹.

1. Introdução

A Colecção Islâmica do MNA² constitui um conjunto heterogéneo, numericamente pequeno em relação à totalidade do acervo do Museu mas que, no entanto, oferece particular interesse na perspectiva do estudo da época islâmica em Portugal, dado que a maioria dos objectos reunidos provém do território português.

Este conjunto compreende principalmente a cerâmica, estando além disso representados elementos arquitectónicos, espécimes numismáticos, epigrafia, artefactos de metal e de osso.

Neste panorama destaca-se um significativo grupo de artefactos de iluminação, isto é *candis*³, que abrange 118 exemplares, 115 em cerâmica⁴ e 3 em metal,

¹ Segundo a tradução portuguesa do Alcorão de autoria de José Pedro Machado. Ver *Alcorão*, 1980, Lisboa, J. I. C. U, p. 368, Sura da Luz: 35.

² *Colecção Islâmica*, desdobrável policopiado, MNA, 1997.

³ Utilizamos o termo "*candil*" para designar artefactos de iluminação do período islâmico. Esta opção decorre, por um lado, da tipologia inconfundível dos *candis* e, por outro, do facto de este vocábulo, etimologicamente de origem árabe, ter entrado na língua portuguesa como um dos muitos empréstimos linguísticos ilustrativos para o escopo das influências árabe-islâmicas em Portugal em diversos domínios. Ver Sousa, 1981, p. 86 e Machado, 1991, p. 88.

⁴ Um dos *candis* em cerâmica, o n.º 17072/Silves, foi cedido temporariamente ao Museu Municipal de Arqueologia de Silves onde integra a exposição permanente daquele museu. Auto de Saída (1990), n.º 30.

o que corresponde a cerca de 25% da totalidade de artefactos islâmicos da colecção do MNA, até à data reconhecidos.

O que nos leva a apresentar este núcleo de candis num estudo separado não decorre apenas da sua representatividade numérica mas sobretudo da sua diversidade tipológica, dos materiais, das técnicas e dos motivos decorativos utilizados na sua produção, o que permite esboçar a evolução deste artefacto de iluminação que, na mostra do MNA, cobre praticamente não só todo o período da presença islâmica em Portugal como também várias regiões do país.

Esta abordagem deve-se ainda à importância que os artefactos de iluminação ocupam em cada civilização porquanto a sua presença é significativa para a delimitação do espaço submetido a uma determinada influência civilizacional⁵.

No sentido figurado a luz é sempre associada à mensagem espiritual como antónimo das trevas e ainda ao progresso. No contexto islâmico o azeite simboliza simultaneamente a fonte de energia e de luz.

A arte islâmica, como objecto de estudo, mereceu a atenção dos estudiosos desde finais do séc. XVIII e, sobretudo durante todo o século XIX, condicionada pelo interesse que suscitou a corrente romântica e mais tarde orientalista que contribuíram significativamente para a formação das primeiras grandes colecções de arte islâmica na Europa.

O interesse manifestado centrou-se, todavia, sobretudo nos artefactos de luxo como têxteis ou artefactos de metal, incluindo a armaria, enquanto a cerâmica foi considerada apenas na sua vertente ornamental, ou mais precisamente, em forma de peças excepcionais de grande valor estético.

Esta situação persiste de certo modo ainda hoje e, não obstante inúmeros progressos⁶ registados nesta área, o conhecimento de cerâmicas islâmicas de uso comum, com ou sem decoração, apresenta ainda bastantes lacunas.

Em particular, o candil constitui uma forma pouco estudada⁷ apesar de a sua presença ser atestada em quase todos os sítios islâmicos como parte integrante do equipamento básico de cada agregado habitacional.

No entanto, a intensificação das escavações e a subsequente catalogação dos espólios trouxe muitos elementos novos, permitindo, entre outros, definir novas tipologias.

Assim, nesta área, o único trabalho de síntese de que temos conhecimento é *Étude et classement des lampes à l'huile musulmanes* (Lacam, 1953), mas ao qual infelizmente não tivemos acesso.

Outras publicações de carácter mais genérico contêm apenas referências isoladas à forma do candil (Zozaya, 1980a), porquanto outros estudos parcelares especializados consideram-no seja no âmbito temporal (Zozaya, 1980b), regional (Kubiak, 1970; Rosselló-Bordoy, Coll, Cantarellas-Camps, 1971; Rosselló-Bordoy,

⁵ Sobre a importância dos artefactos de iluminação do ponto de vista arqueológico como portadores de informação relevante, ver Raposo, 1996, p. 11.

⁶ Assinalamos a realização regular dos *Colóquios de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental* desde 1978, a nível internacional e, mais recentemente, no contexto português, a organização, por exemplo, das *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*, a partir de 1992, em Tondela.

⁷ É sintomático, por exemplo, que uma obra de referência obrigatória para o estudo das cerâmicas islâmicas, Soustiel (1985), *La Céramique Islamique ...* nem sequer mencione a forma do candil.

1978; Cardenal, 1980; Aranda-Linares, 1984; Villadés Castillo, 1991), seja debruçam-se sobre uma determinada tipologia (Azuar Ruiz, 1986).

A maior parte dos estudos acima indicados dizem respeito ao universo do al-Andalus, ou seja à parte da Península Ibérica submetida à dominação política do Islão de que Portugal fez parte integral e, por isso, essas referências constituem paralelos mais próximos para a situação em Portugal embora não se refiram concretamente a ela.

O *corpus* documental referente ao património islâmico reunido em Espanha ao longo de mais de uma centena de anos por diversos especialistas salda-se em milhares de títulos, enquanto em Portugal essa situação se apresenta diametralmente oposta e deriva do crónico estado embrionário dos estudos árabes, reflectindo-se essa carência inevitavelmente também na deficiência do conhecimento e do respectivo estudo e por conseguinte da valorização do património islâmico de Portugal.

Os estudos referentes ao património islâmico de Portugal, iniciados por Estácio da Veiga (1880, 1886-1910)⁸ ainda em finais do século passado, só muito recentemente tiveram continuidade e desenvolvimento notável na sequência das escavações arqueológicas empreendidas em moldes científicos e regulares, sobretudo em Mértola⁹ e Silves¹⁰, e posteriormente noutros locais, embora com carácter pontual, e que, na maior parte dos casos, produziram publicações próprias¹¹ relacionadas directamente com o panorama especificamente português.

Neste contexto, aparecem algumas referências ao candil embora de forma muito sumária. As mais antigas, como de certo modo não podia deixar de ser, vieram nas páginas de *O Archeologo Português* (Vasconcelos, 1900, 1903, 1920) – cujo primeiro centenário assinala precisamente o presente volume – contendo, inclusive, elementos referentes a algumas das peças da colecção islâmica do MNA porquanto as mais recentes publicações fazem menção de alguns materiais encontrados nas escavações em Mértola (Torres, 1987, n.º cat. 27-31), em Silves (Gomes, 1988, p. 186 e 212, 1995, p. 29-30) e ainda noutros locais (Matos, 1971; Macias, 1993, 1995)¹².

A par desses materiais já divulgados, existem ainda, tanto em Mértola, Silves, como ainda noutros locais, materiais provenientes de escavações efectuadas em Lisboa (pelo IPPAR e pelo Gabinete Técnico do Teatro Romano) e em Santarém, que forneceram numerosos exemplares de candis, de muito interesse, mais ainda por estudar. Só a sua subsequente publicação permitirá, com efeito,

⁸ Veja ainda, Pereira, 1981.

⁹ Desde 1979 que a equipa do Campo Arqueológico de Mértola, com o apoio da respectiva Câmara Municipal, procede a campanhas de escavações regulares na Alcáçova de Mértola.

¹⁰ Em Silves, as escavações arqueológicas começaram no início dos anos 80 e centraram-se também na zona da Alcáçova.

¹¹ Edições do Campo Arqueológico de Mértola como catálogos, nomeadamente o de *Cerâmica Islâmica Portuguesa* (1987), ou *Mértola Almoravide et Almohade* (1988), como ainda a revista *Arqueologia Medieval*, cuja publicação se iniciou em 1992, que apresenta os resultados de escavações realizadas em vários pontos do país. Por sua vez, a Câmara Municipal de Silves edita a revista *Xelb*, cujo primeiro volume (1988) foi integralmente dedicado à cerâmica islâmica.

¹² Núcleo Museológico da Rua dos Correiros, Catálogo, Lisboa, Fundação BCP, p. 37-39.

uma apreciação mais abrangente e precisa da evolução da forma do candil em território português.

O presente artigo¹³ propõe explorar a evolução do candil circunscrito ao universo da Colecção Islâmica do MNA.

O candil, no percurso do seu desenvolvimento, incorporou diversas influências que contribuíram para a evolução de formas muito distintas, estando assim na origem da sua diversificação tipológica.

Por um lado, teremos que considerar influências orientais pré-islâmicas, sobretudo de tradição fenícia e iraniana, e por outro lado, a incorporação das formas dos artefactos de iluminação dos territórios conquistados ao longo da marcha do Islão, desde a Arábia até a Península Ibérica, nomeadamente os modelos tardo-romanos, bizantinos e norte-africanos.

É este o contexto específico do candil peninsular.

Em dois autores árabes do al-Andalus do séc. XI encontramos algumas, embora escassas, referências a candil (*qandil*), nomeadamente em Ibn Mugit e em Al-Bunti¹⁴. Trata-se de formulários referentes à venda de produções cerâmicas e por isso são mencionados apenas exemplares de barro cozido e outros vidrados (*zayyay*).

Por sua vez, os candis do território português apresentam variantes locais que estão relacionadas, sobretudo, com a situação marcadamente periférica desse território, Gharb al-Andalus, ou seja o Ocidente do al-Andalus, distanciando-se em relação aos principais centros políticos e simultaneamente culturais dessa área, como Córdova ou mais tarde Sevilha.

De realçar ainda a forte permanência de tradições orientais no al-Andalus que constituíram pontos de referência e de inspiração das artes que se manifestaram pela perduração das formas, técnicas e motivos decorativos daquela proveniência.

Como praticamente todas as peças da Colecção Islâmica do MNA, os candis nela reunidos provêm de algumas explorações, recolhas, achados fortuitos, ofertas ou compras, sendo assim desprovidos do seu contexto arqueológico.

Por essa razão, a sua apreciação pode ser apenas efectuada em termos formais e estéticos, procurando-se estabelecer paralelos com outras peças congêneres noutras colecções, constituídas por artefactos provenientes das escavações organizadas em moldes científicos, cujos contextos estratigráficos são conhecidos e deste modo podem servir de pontos de referência na atribuição cronológica das peças da colecção do MNA.

¹³ Adverte-se desde já que se trata de um trabalho escrito na perspectiva de história de arte, na medida em que a formação da autora, arabista e conservadora de museu, não permite uma abordagem arqueológica propriamente dita. Esta última, aliás, cinge-se a uma auto-formação penosamente adquirida, que necessariamente carecerá de algumas imprecisões. Lamentando profundamente a impermeabilidade e a manifesta falta de receptividade por parte de arqueólogos, o que inviabilizou o estabelecimento de um diálogo que certamente iria enriquecer o âmbito do presente estudo através de uma perspectiva multidisciplinar, não podemos deixar de manifestar publicamente o nosso reconhecimento pelas informações pontuais prestadas pelos Exmos Senhores, Dr.^o Rosa Varela Gomes e Dr. Carlos Fabião.

¹⁴ Até agora poucos autores aproveitaram fontes árabes documentais para a confrontação com os materiais arqueológicos. Destacamos o trabalho pioneiro de Izquierdo y Pino, 1988 (*apud* Rosselló Bordoy, 1993, p. 19, 21-22).

Essa cronologia deverá ser considerada, mesmo assim, como relativa, uma vez que mesmo as peças congêneres datadas, oriundas do território português, diferem quanto à datação atribuída em função do seu local de origem¹⁵.

Noutros casos ainda, quando os paralelos mais próximos são encontrados em peças provenientes fora de Portugal, essa precaução terá que ser naturalmente maior, atendendo à periferia do território hoje português em relação aos restantes territórios do al-Andalus.

Julgamos pertinente aludir ainda às questões relativas à tipologia e à terminologia.

A definição da tipologia prende-se directamente com os elementos constitutivos do artefacto em apreço. No caso específico do candil, distingue-se como elementos essenciais o depósito, fechado ou aberto, que contém o combustível, e o bico, que possui a mecha. Como elementos complementares surgem o colo, por onde se processa a alimentação do depósito em combustível, e a asa, que tem uma função utilitária, nomeadamente a de permitir a deslocação fácil do artefacto, conforme mostra o esquema da fig. 1 (a, b e c) que regista algumas das principais variantes desses elementos.

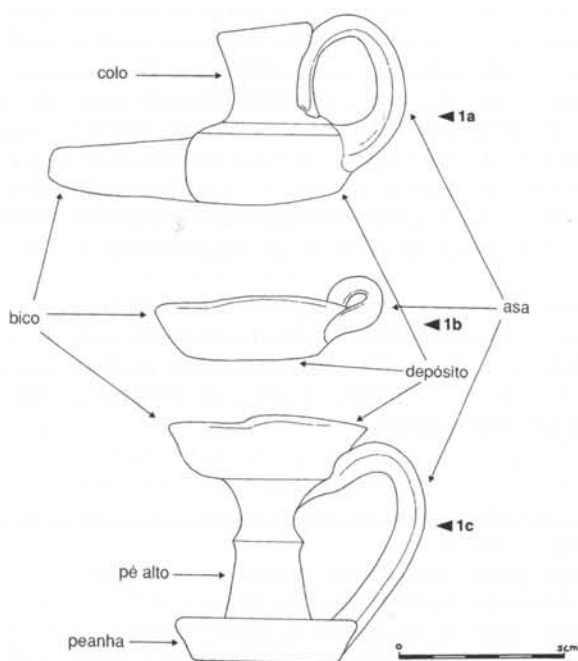


Fig. 1 – Esquema constitutivo do candil. 1a: candil com bico de canal; 1b: candil de depósito aberto; 1c: candil de pé alto.

¹⁵ Por exemplo, os candis decorados com a técnica de corda seca parcial encontrados em Mértola são datados do séc. XI (Torres, 1987, n.º cat. 27), enquanto ao mesmo tipo de candil proveniente de Silves é atribuída uma cronologia um pouco mais tardia, nomeadamente sécs. XI/XII (Gomes, 1988, p. 212-213).

O depósito constitui o elemento que sofreu uma evolução mais acentuada e cuja forma é a mais relevante na atribuição de tipologia. A existência ou a ausência de outros elementos constitutivos levou o investigador malhorquino Guillermo Rosselló-Bordoy a propor, em 1978, uma tipologia dos candis tomando em consideração apenas o universo insular da colecção do Museu de Palma de Mallorca¹⁶.

Esse esquema foi, grosso modo, seguido por vários autores espanhóis, que todavia se viram obrigados a introduzir sub-tipos ou variantes ao esquema proposto por Rosselló-Bordoy, uma vez que o universo das outras colecções era mais diferenciado do que o inicialmente considerado.

A relativização dessa proposta inicial foi posta em causa por alguns autores ao ponto de serem definidas novas tipologias em função do material entretanto estudado¹⁷.

Tomando em consideração essa perspectiva, aliada ao facto de a colecção do MNA possuir exemplares que não se integram no esquema referido, a análise destas peças não seguiu uma tipologia formal, mas sim descritiva, e apresentada numa sequência cronológica.

Nas descrições dos artefactos cerâmicos, além dos elementos constitutivos, é habitual mencionar-se também as pastas, cujos valores cromáticos pautam-se pela tabela de referência denominada *Munsell Soil Colour Chart*. Sendo esses valores geralmente reconhecidos como “aproximados” (Gomes, 1996, p. 37), limitámo-nos, por isso, apenas a uma indicação descritiva e não formal.

Por sua vez, a terminologia constitui, a nosso ver, um dos campos onde um consenso se impõe, não só em função do rigor científico, mas sobretudo como uma exigência absoluta decorrente do processo da informatização regido pelas necessidades específicas da criação e utilização de uma base de dados.

Essa questão, assinalada há muito¹⁸, permanece ainda hoje sem solução adequada.

Enquanto a nossa opção é “candil”, pelas razões acima assinaladas, outros autores utilizam em português indiscriminadamente designações diversas tais como “lucerna” (Gomes, 1988, p. 168, 186, 213, 1991, p. 399) para todas as tipologias do candil, “lâmparina”¹⁹, “lâmpada” (Matos, 1971, p. 576)²⁰, “candeia”²¹, “candeia de pé”²² e também “candil”²³.

¹⁶ O autor apresenta uma primeira tentativa de sistematização tipológica da forma de candil, distinguindo cinco tipologias distintas.

¹⁷ Referências às tipologias não existentes em Mallorca, como por exemplo, candis califais com a asa de fita a terminar no interior do colo (Esteve Guerrero, 1945, lam. XVII-1), candis califais com a decoração estampilhada (Zozaya, 1980a, p. 270, fig. 4d), ou candis de depósito aberto (Azuar Ruiz, 1986).

¹⁸ Uma primeira proposta de terminologia para alguns artefactos cerâmicos islâmicos, tomando em conta a terminologia de origem árabe patente nos numerosos empréstimos lexicais da língua portuguesa, foi proposta por J. Pulido Valente (1984). O autor voltou a insistir na necessidade de uma terminologia coerente em 1986.

¹⁹ A designação “lâmparina” surge no texto de Rosa V. Gomes em relação ao candil de pé alto (Gomes, 1988, p. 127, 151), enquanto noutro texto é utilizado para candis da época califal (Gomes, 1995, p. 29-30).

²⁰ O termo “lâmpada” surge nesse contexto tanto para designar os candis de depósito aberto (est.V, 30 e 31) como para indicar artefactos de iluminação do período medieval, semelhantes mas sem asa e sem vidro (est. V, 31).

Uma situação análoga existe no que diz respeito à restante terminologia de cerâmicas islâmicas.

Aliás, a questão de terminologia reflecte-se também na maneira como esse património é abordado, e talvez não seja por acaso que o ambiente atavicamente hostil ao Islão leva a que este seja ocultado sob o rótulo de “baixo-medieval” ou “medieval”, em vez de ser designado por “islâmico” que, de facto, é.

A apresentação que se segue dos candis da Colecção Islâmica do MNA obedece aos critérios de materiais: cerâmica/metal e de cronologia. Contempla as peças escolhidas que exemplificam as tipologias existentes em função da sua representatividade e estado de conservação.

2. Candis em cerâmica

2. 1. *Época califal (929-1031)*

Abrange um período em que o domínio político de al-Andalus, de que o território de Portugal actual fez parte integral, era exercido pelo Califado, sediado em Córdova, instituído em 929 e abolido em 1031. Anteriormente, e a seguir à ocupação da Península pelos Árabes, iniciada em 711, esse território era governado por um governador responsável perante a administração central de Damasco, e mais tarde de Bagdade, e, a partir de 756, com a implantação dos Omíadas na Península, adquiriu o estatuto independente, primeiro como Emirado e depois como Califado.

Os séculos VIII e IX constituem um período formativo nas artes do al-Andalus, em que os elementos autóctones de tradição tardo-romana e visigótica foram confrontados e moldados pelos cânones das artes islâmicas em pleno florescimento no Oriente islâmico, dando assim origem a uma original simbiose no al-Andalus que, com o decorrer do tempo, elaborou a sua própria linguagem artística e estilística, plenamente afirmada no séc. X, tributária das influências que entretanto tivesse absorvido.

O núcleo atribuível a esse período é numericamente significativo e simultaneamente variado, compreendendo exemplares na maior parte incompletos, onde coexistem peças sem decoração, apenas com acabamento de engobe, exemplares decorados com pintura, e ainda outros vidrados e esmaltados²⁴ com decoração estampilhada.

²¹ O termo “candeia” é aplicado em relação ao candil de depósito aberto (Torres, 1987, n.º cat. 29 e 30).

²² O termo “candeia de pé” é aqui utilizado para designar o candil de pé alto (Torres, 1987, n.º cat. 31)

²³ O termo “candil” surge nos textos mais tardios de autoria de Luís de Matos (1991, p. 436 e 450), e sintomaticamente numa crítica de utilização do termo “lucerna” para designar o candil (Matos, 1992, p. 230), e sempre nos de Santiago Macias (1993, p. 133-137, 1996, p. 91) e ainda em (Torres, 1995, p. 37).

²⁴ Parece pertinente distinguir entre o “vidrado” e o “esmaltado”. Serão designadas “vidradas” as peças cobertas com uma camada de vidro, que permite observar a pasta; o termo “esmaltado” é aplicado às peças que apresentam uma cobertura vítrea opaca sobre uma superfície engobada (Gomes, 1988, p. 180).

Em linhas gerais, os candis da época califal caracterizam-se²⁵ por um depósito fechado de forma lenticular, bico de canal largo, de paredes abauladas e acentuadamente levantado em relação à base. A junção do bico ao depósito mostra, na maior parte dos casos, um espessamento que decorre do processo de produção ao torno em que as duas partes eram fabricadas separadamente e unidas posteriormente. Como outra característica dos candis desse período aparece o ângulo de 90.º entre os seus eixos vertical e horizontal.

Como exemplares mais antigos, tomando em consideração os paralelos mais próximos datados, poderão ser considerados dois candis, nomeadamente os n.ºs 16992/Silves e 17043 B/Prov. desconhecida. Ambos apresentam base circular plana, depósito largo lenticular, colo largo troncocónico invertido com bordo boleado e, no exemplar que conserva o bico, embora incompleto (fig. 2), pode

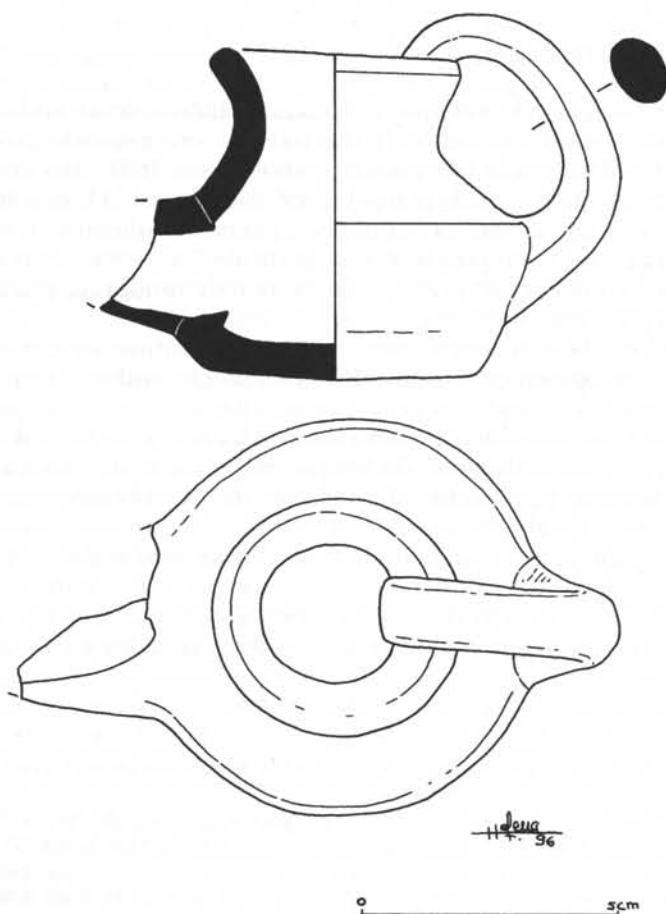


Fig. 2 – Candil n.º 16992/Silves.

²⁵ Correspondentes a variantes apresentadas por Zozaya, 1980a, p. 277, fig. 11 a, b, c.

observar-se as paredes abauladas e o característico espessamento na junção do bico ao depósito. Por sua vez, a junção das duas partes do depósito mostra o acabamento cuidado, tendo sido removido o excesso de barro com uma espátula. Apresentam ainda a particularidade de possuírem a asa de fita que termina no interior do colo. Ambos são cobertos de engobe claro e são produzidos com pasta bege clara, homogênea e bem depurada.

Exemplares idênticos foram recuperados nas escavações efectuadas ainda nos anos 40 em Las Mesas de Asta, Cádiz (Torres Balbas, 1946, p. 210-214, lam. 7), e atribuídos à época califal conjuntamente com o restante espólio aí encontrado.

Posteriormente, noutros lugares de al-Andalus, no percurso de outras campanhas de escavações, surgiram outros exemplares análogos, circunscritos à cronologia dos sécs. IX e ao início do séc. X, nomeadamente em Bayyana, Pechina (Castillo Galdeano *et al.*, 1987, p. 545, fig. 4), Ecija (Rodríguez Temino e Nunez Pariente de León, 1987, figs. 30-3, 31 e 32), Madinat al-Zahara²⁶ e Múrcia (Navarro Palazon, 1986a, p. 8, figs. 354, 357, 359, 361)²⁷. Da mesma tipologia pertencem igualmente exemplares de proveniência desconhecida da colecção do Museu de Cádiz (Aranda Linares, 1984, p. 179, n.º 238).

Esses candis são tidos como exemplares de transição entre os modelos de lucernas tardo-romanas e uma nova forma do artefacto de iluminação islâmico, apresentando já o característico bico de canal, colo e asa. A particularidade da asa a terminar no interior do colo é considerada precisamente como um sinal de arcaísmo, tendo um certo paralelo com as asas de pequenos jarros, o que levou alguns investigadores a atribuir-lhes uma cronologia mais antiga, nomeadamente emiral (Castillo Galdeano e Martínez Madrid, 1993, p. 97; Salvaterra Cuenca e Castillo Armenteros, 1993, p. 248-249, fig. 4).

Essas características, um tanto arcaizantes, como ainda o estado embrionário de estudos sobre a cerâmica islâmica peninsular na época, levaram Leite de Vasconcelos (1915, p. 372-373, est. 11, fig. 71), a classificar este exemplar de "romano", afirmação que face aos conhecimentos actuais não poderá ser mantida.

Actualmente esses candis, até há pouco considerados como uma mera variante dos candis da época califal (Zozaya, 1980a, p. 277, fig. 11c), mereceram por parte de alguns estudiosos o destaque como um tipo distinto (Salvatierra Cuenca e Castillo Armenteros, 1993, p. 248-249; Iniguez Sánchez e Mayorga Mayorga, 1993, p. 130-131, fig. 7-2), circunscrevendo-se a sua distribuição geográfica, por ora conhecida, ao sul da Andaluzia (Espanha) e alargada agora para o território meridional de Portugal, no caso dos exemplares da colecção do MNA.

Como inequivocamente califais são classificados candis muito semelhantes aos acima descritos mas que, no entanto, diferem, primeiro por terem a asa de fita mais pequena e que termina no exterior do colo; segundo, o colo apresenta-se mais alto, às vezes canelado no interior, e o bico de canal, nos exemplares melhor conservados, é mais alongado e ligeiramente levantado em relação à base (fig. 3). A junção das duas partes do depósito é visível através de uma aba saliente a meia altura do depósito.

²⁶ Na exposição da Mesquita de Córdoba figurou um candil desta tipologia embora coberto de vidro melado (AAVV, 1986, n.º 118).

²⁷ Neste estudo o autor propõe uma cronologia mais tardia enquanto numa notícia preliminar atribuiu-lhes uma datação dos sécs. IX/X (1986b, p. 7-37).

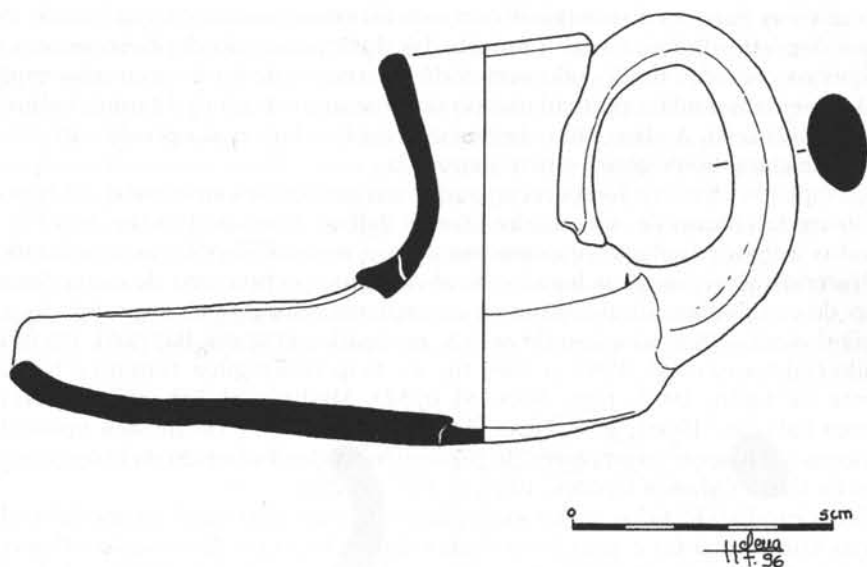


Fig. 3 – Candil n.º 16990/Beja.

Na colecção do MNA esses candis estão representados por dez exemplares e apresentam-se todos engobados, fabricados com pastas claras bege ou rosadas, em alguns casos, e bem depuradas. Apresentam dimensões variáveis, oscilando o diâmetro de base entre 4,4 cm e 5,5 cm, e variando o diâmetro do depósito entre 6,8 cm e 8,2 cm, não sendo possível referir outras medidas uma vez que se encontram todos incompletos, com asas, colos e bicos partidos. Candis semelhantes foram reconhecidos em diversos sítios de al-Andalus e, no que diz respeito a Portugal, foram exumados nas recentes escavações realizadas no Castelo de Silves (Gomes, 1995, p. 29, figs. 7, 30).

Um exemplar que nos parece exemplificar bem a evolução ocorrida nos artefactos de iluminação dessa época, o n.º 17076/Silves, que apesar de possuir as características mais evoluídas quanto à forma do colo e do bico, possui simultaneamente a asa que termina no interior do colo (fig. 4).

Assinalamos ainda dois candis que se caracterizam pelo depósito largo, globular na parte superior e troncocónico na parte inferior, e bico de canal largo com paredes laterais abauladas e colo alto quase cilíndrico, no exemplar que conserva o colo. A junção das duas partes do depósito mostra um acabamento mais cuidado, tendo sido o excesso de barro removido e a superfície polida. Trata-se das peças com os n.ºs 17001/Silves e 17010/Prov. desconhecida, com as dimensões: A.: 7,8 cm; diam. base: 5 cm, sendo ambos produzidos com pasta bicolor, bege clara no cerne e rosada nas extremidades, bem depurada.

Como particularidade diferencial ostentam uma decoração pintada a óxido de ferro sobre uma superfície engobada e localizada na parte superior do bico, na asa e no bordo, visível no exemplar melhor conservado (fig. 5). Apresentam paralelo com outros exemplares conhecidos (Zozaya, 1980a, p. 278).



Fig. 4 – Fotografia do candil n.º 17076/Silves.

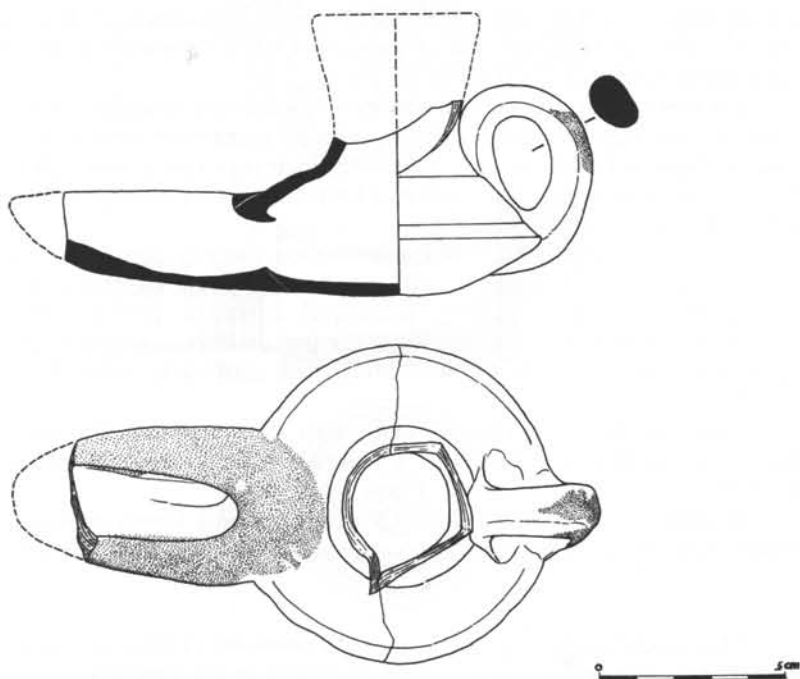


Fig. 5 – Candil 17010/Prov. descon.

Dentro da tipologia califal inscreve-se ainda um candil coberto de esmalte alaranjado vivo, n.º 12000/11/79, proveniente de Évora, que mostra, no entanto, o bico de canal facetado o que apontaria contudo para uma cronologia um pouco mais tardia.

A par desses exemplares existem ainda dois candis, nomeadamente os n.ºs 17050 A e 17050 B, ambos de proveniência desconhecida, que apresentam características formais muito semelhantes, mas que, no entanto, se diferenciam pelo fabrico mais tosco, grande espessura de paredes, tendo sido produzidos com pastas alaranjadas. O paralelo mais próximo constitui um candil proveniente de Mesas de Castelinho, Almodôvar (Guerra e Fabião, 1993, p. 98, fig. 15), uma povoação fortificada da época califal. É de admitir que se trate de produções locais, de fabrico doméstico e possivelmente não destinadas à comercialização.

Além de candis de produção corrente, o Museu possui ainda três exemplares excepcionais, não só no âmbito da própria colecção como também, tanto quanto julgamos ter averiguado, no panorama das colecções nacionais.

Trata-se de exemplares esmaltados com uma exuberante decoração estampilhada na face superior e na base, nomeadamente os n.ºs 17025/Silves (Vasconcelos, 1903, p. 122, figs. 5a e 5b, 123, 1915, p. 193, 381, est. 15, fig. 102, 1928, p. 400; Kemnitz, 1997a, p. 58)²⁸, 995.19.3 /Alvor? e ainda 17066/Prov. desconhecida, este último decorado apenas na face superior.

O candil n.º 17025 apresenta base plana de forma circular, depósito tronco-cónico com um pequeno orifício circular na face superior, sendo o diâmetro da base menor do que o da face superior. Tem ainda arranque de uma pequena asa de forma circular e, do lado oposto, uma porção do bico de canal de secção em “U”. Tem as seguintes dimensões, A: 3,5 cm; C. max: 12 cm; diam. base: 5 cm e diam. topo: 6,8 cm (fig. 6).

Em toda a superfície são visíveis manchas de esmalte muito claro quase branco, com algumas iridescências e alguns pigmentos verdes. Ostenta decoração estampilhada aplicada na base e na face superior e ainda decoração incisa de carácter geométrico, formada por linhas rectas e obliquas e aplicada no bico e lateralmente no depósito.

No topo ostenta uma rosácea estilizada inscrita dentro de uma cercadura circular paralela ao bordo e, na base, uma espécie de flor estilizada de dez pétalas surge como elemento principal, inserida, por sua vez, numa cercadura que contorna a base tendo no centro um círculo formado por duas linhas circulares que enquadram uma outra flor estilizada, esta de cinco pétalas (fig. 7).

Este candil fez parte da colecção de antiguidades de Teixeira de Aragão e foi por ele oferecido a Leite de Vasconcelos (1903, p. 123, 1915, p. 381).

O candil n.º Inventário 995.19.3 apresenta uma forma análoga ao exemplar acima descrito, coberto em toda a superfície de esmalte verde vivo, com algu-

²⁸ Este candil figurou na exposição temporária *Centenário da Carta Archeologica do Algarve* no MNA (Pereira, 1978, p. 34, n.º 203), com a informação de que pertenceu à colecção do extinto Museu Archeologico do Algarve, o que carece de fundamento face à informação da sua proveniência (Vasconcelos, 1931, p. 123; 1915, p. 381).



Fig. 6 – Fotografia do candil n.º 17025/Silves.

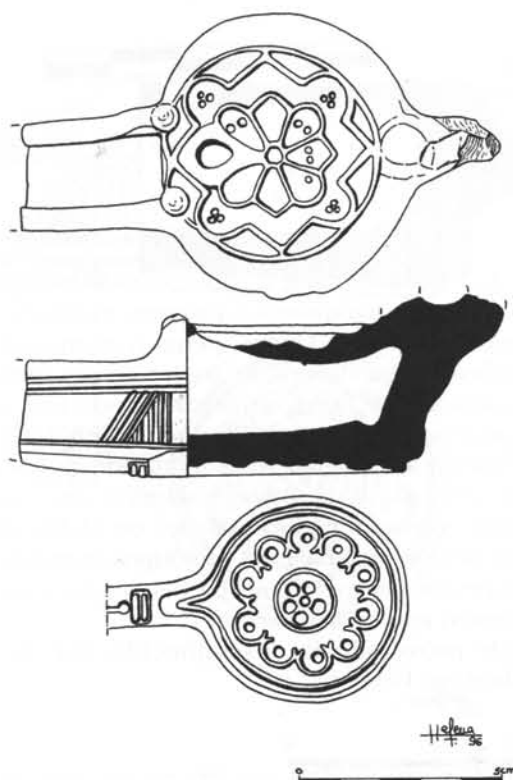


Fig. 7 – Candil n.º 17025/Silves. Base com motivo estampilhado.

mas iridescências. Tem as seguintes dimensões, A: 3,5-3,7 cm; C. max: 9,8 cm; diam. base: 5 cm; diam. topo: 6,6 cm (fig. 8).



Fig. 8 – Fotografia do candil n.º 995.19.3/Alvor?

Igualmente a decoração tem uma disposição muito semelhante, sendo praticamente iguais os motivos estampilhados patentes na base e os motivos incisos no bico e na parede do depósito. Difere apenas o motivo estampilhado na face superior que representa uma decoração zoomorfa em forma de uma ave em posição de pouso, rodeada de flores estilizadas, sendo esse campo fechado por uma dupla cercadura circular paralela ao bordo do topo (fig. 9).

O motivo zoomorfo aí presente reata nitidamente com a tradição oriental (Zozaya, 1980a, p. 278), isto é do Oriente islâmico, que constitui um dos elementos de referência constante na arte islâmica do al-Andalus. De notar ainda que nos objectos de luxo a fidelidade aos protótipos orientais é ainda mais acentuada tanto nos aspectos formais como na decoração e ainda, às vezes, nos aspectos técnicos com o intuito de os imitar.

Este candil, de proveniência desconhecida, foi oferecido a Leite de Vasconcelos em Alvor em 1933²⁹.

²⁹ Na caixa do artefacto está guardada uma nota ms. sem data, que transcrevemos: "J. L. Vasconcellos – Candeia árabe que me deram no Alvor (Alg.) em 1933", não sendo esta letra do punho de Leite de Vasconcelos.

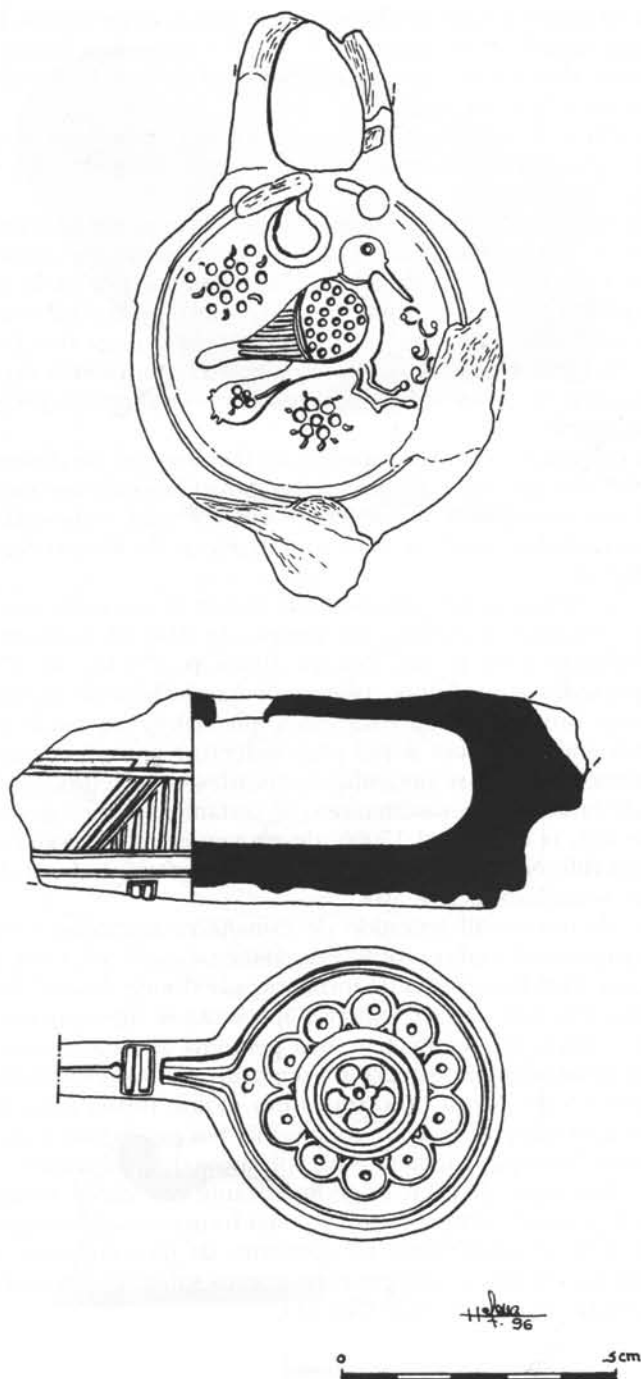


Fig. 9 – Candil n.º 995.19.3/Alvor? Base com motivo estampilhado.

Ambos os candis foram produzidos com pastas bege claras, bem depuradas e apresentam semelhanças notáveis no que diz respeito à forma, dimensões e alguns motivos decorativos que se repetem em ambos. É plausível que ambos sejam oriundos da mesma oficina.

Ambos diferem substancialmente de outros candis, não só pela execução esmerada e a riqueza de motivos decorativos que ostentam mas sobretudo pela tipologia que representam.

A configuração do depósito afigura-se ainda bastante próxima do protótipo das lucernas tardo-romanas. Nota-se a ausência do colo cujo papel desempenha um pequeno orifício circular situado na face superior por onde se faz a alimentação do depósito em matéria combustível (azeite). Ambos mostram evolução da asa que de um mero ornamento se transformou em pega funcional permitindo facilmente deslocar o artefacto. A forma e o comprimento do bico de canal atesta outro aspecto da evolução, apresentando-se já muito prolongado e com um canal fundo em "U".

Ambos constituem uma exemplificação de transição no desenvolvimento do candil em que está patente a afirmação das particularidades próprias.

Constituem exemplares raros, únicos em Portugal, e atestados em algumas colecções espanholas, sendo a mais importante a do Museu Nacional Arqueológico de Madrid.

Pelas características que apresentam situam-se no contexto de produções palatinas de Madinat al-Zahara, no tempo de Abd Al-Rahman III no séc. X (Pavón Maldonado, 1966, p. 121; Zozaya, 1980a, p. 270, fig. 4d, 278)³⁰.

A sua presença em território português é indicador de importação de bens de luxo, muito provavelmente para elites que habitavam Shilb (Silves), cidade que na época árabe teve um papel preponderante como um importante centro político e económico que se notabilizou nas artes e nas letras, tendo a sua população fama de fazer versos, distinguindo-se certamente pelos gostos requintados.

Por sua vez, o candil n.º 17066, de proveniência desconhecida, apresenta uma tipologia diferente da dos candis acima descritos, embora demonstre também algumas semelhanças (fig. 10).

Trata-se de um candil revestido de esmalte monocromo, castanho melado, com alguns pigmentos mais escuros, com dimensões A: 3-3,3 cm; L. max: 7 cm e C. max: 9,3 cm. Tem base plana de forma ovóide donde desenvolve-se um corpo piriforme. Não tem colo. A face superior apresenta-se ligeiramente convexa, com um pequeno orifício no centro, tem uma pequena asa anelar que nasce na face superior e termina na parte exterior do depósito. O bico está mutilado. A junção das duas paredes do corpo produzidas em molde forma uma espécie de aba virada para baixo que, no entanto, foi alisada. Foi produzido com pasta avermelhada, contendo bastantes elementos não plásticos de grão médio.

Ostenta decoração de carácter geometrizzante em relevo, obtida num molde. No centro, em torno do orifício, aparece uma forma ovóide formada por um cordão em relevo e, paralelamente ao contorno da face superior, desenvolve-se uma linha em ziguezague com pequenos pontos salientes em cada triângulo formado pelo cordão em ziguezague (fig. 11).

³⁰ O exemplar desenhado representa uma outra variante de decoração zoomorfa, nomeadamente um quadrúpede.



Fig. 10 – Fotografia do candil n.º 17066/Prov. descon.

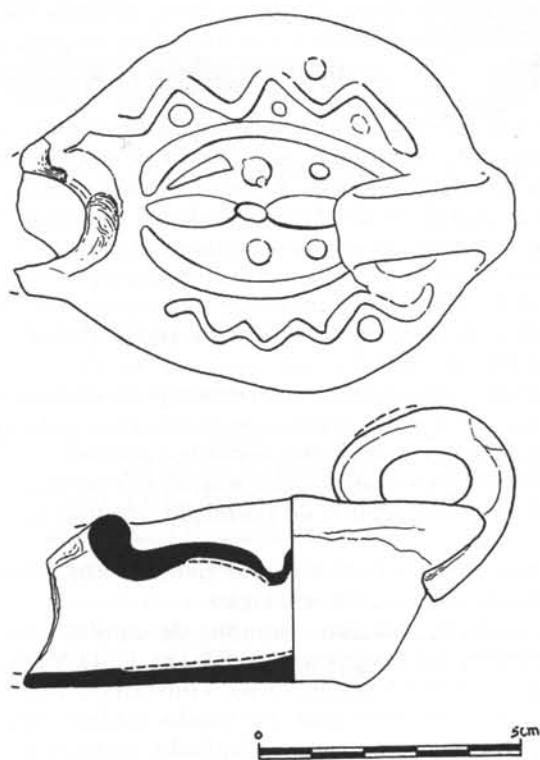


Fig. 11 – Candil n.º 17066/Prov. descon.

No contexto peninsular não encontramos nenhum paralelo. Admitimos a hipótese de se tratar de um exemplar exógeno, peça de importação, uma vez que os exemplares mais próximos que se conhece provêm da zona oriental do Mediterrâneo.

Na coleção do British Museum (Bailey, 1980, Q 1433) existe um exemplar semelhante, de corpo ovóide, revestido de esmalte alaranjado, exibindo a face superior decoração em relevo. Provém de Alexandria, sendo atribuído ao séc. VI.

Um outro exemplar análogo, igualmente com decoração geometrizar em relevo, foi encontrado nas escavações em Yaras, Jordânia (Uscatescu Barrón, 1992, p. 212-213, figs. 13 (53) e 14 (i), sendo atribuído ao período de transição entre a época bizantina e omíada, situando-se assim na primeira metade do séc. VII.

2.2. *Época das Taifas – século XI*

Muito embora a queda do Califado de Córdoba tivesse ocorrido formalmente em 1031, a contestação desse mesmo poder manifestou-se já bastante antes e na sequência do enfraquecimento do poder central surgiram diversas entidades de poder autónomo regional personificado pelos *muluk al-tawa'if* ou seja “reis dissidentes”.

A cidade palatina de Madinat al-Zahara foi incendiada, saqueada e parcialmente arrasada em 1002, tendo sido assim aniquilado o principal centro onde irradiavam na época califal os modelos artísticos dominantes em todo al-Andalus.

Em Portugal, a fragmentação territorial foi facilitada pela situação periférica desta zona e, assim, cedo surgiram novos centros de poder local que protagonizam as aspirações de independência. A dinastia dos Aftácidas ou Banu al-Aftas (1022-1091), com a capital em Batalyaws /Badajoz, dominou uma grande parte do Alentejo actual, estendendo-se o seu domínio até Leiria. No Algarve instituíram-se, por sua vez, duas famílias reinantes, nomeadamente os Banu Muzaiyin (1028-1063), em Shilb /Silves, que em breve se tornou num relevante centro de poder económico e também artístico, e os Banu Harun (1016-1052), em Shantamarya Banu Harun /Faro.

Esses novos centros de poder político desempenharam simultaneamente um papel de relevo nas artes e nas letras que se traduziu pelo apoio mecenático concedido generosamente aos melhores literatos e artistas.

É também nesse período que a diferenciação das produções cerâmicas provenientes agora de diversos centros de produção adquiriu um cunho mais marcante.

As formas correntes na época califal tiveram uma certa continuidade, demonstrando, no entanto, sinais de evolução.

É assim que se apresenta um conjunto de *candis* com acabamento de engobe e de dimensões mais pequenas, A: 5-6 cm; C: 11,5 cm e diam. base: 3,5 cm (nos exemplares melhor conservados), constituído por onze exemplares que reproduzem o depósito lenticular dos *candis* califais, mostrando o bico de canal um acabamento facetado e não abaulado, indicando claramente uma tendência plenamente afirmada nos *candis* decorados com a técnica de corda seca parcial.

Todos são produzidos com pastas claras, bege ou rosadas, homogêneas e bem depuradas.

Precisamente a este tipo de candis refere-se Leite de Vasconcelos (1903, p. 121) como “candeias de bico de pato”, cuja presença é constante nos achados do Algarve e do Alentejo³¹ (fig. 12).

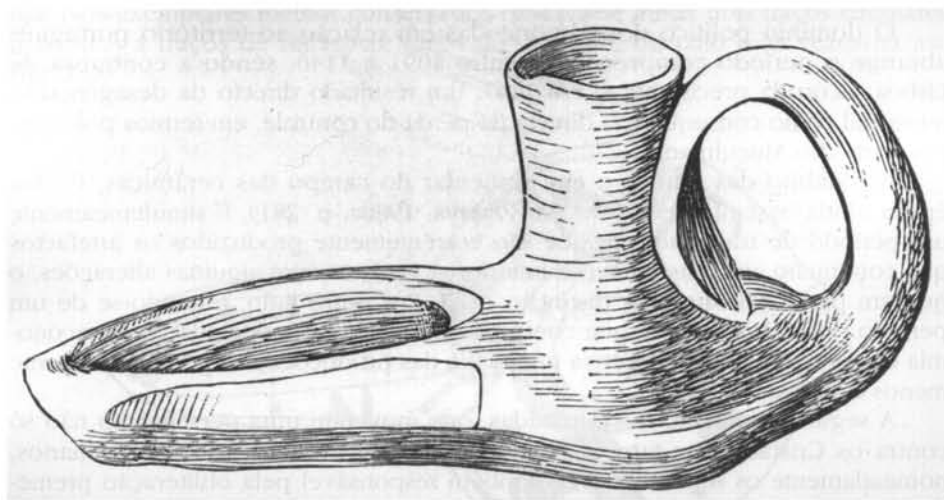


Fig. 12 – Candil reproduzido n' *O Arqueólogo Português*, 1903, vol. VII, p. 121, fig. 4a.

Foram igualmente produzidas variantes cobertas de vidro monóromo que na colecção do MNA estão representadas por três candis cobertos de vidro plúmbeo melado, com valores cromáticos entre o acastanhado e o amarelado, nomeadamente os n.ºs 17006 e 17043A, ambos de proveniência desconhecida, e ainda o n.º 17070/Silves (?). Todos demonstram dimensões padronizadas, A: 6 cm; C: ~12 cm e diam. base: 4 cm. Mostram também a evolução no sentido de o bico de canal ter o acabamento facetado.

Nos exemplares decorados assinalamos uma novidade, nomeadamente o aparecimento da técnica de corda seca parcial em substituição da técnica de corda seca total. Ela é geralmente associada ao enfraquecimento da economia devido a um período conturbado em termos políticos, o que obrigou a

³¹ Também Estácio da Veiga (1889, p. 45) menciona-os, entre outros, nos achados da chamada Cisterna dos Cães em Silves, onde apareceram em grande quantidade. Alguns autores, contudo, classificam-nos como califais. Ver Abellan, *et al.* (1986), p. 142-143, lam. 3, figs. 1 e 2.

uma procura de soluções menos dispendiosas³², mas satisfatórias em termos estéticos.

Os candis decorados com essa técnica decorativa serão produzidos ainda na primeira metade do século seguinte, pelo que irão ser apresentados no âmbito das produções da época Almorávida que se seguiu.

2.3. *Época dos Almorávidas – séculos XI / XII*

O domínio político dos Almorávidas em relação ao território português abrange o período compreendido entre 1091 e 1146, sendo a conquista de Lisboa, ocorrida precisamente em 1147, um resultado directo da desagregação territorial como consequência directa da perda do controle, em termos políticos, por parte dos Muçulmanos.

No âmbito das artes³³, e em particular no campo das cerâmicas, é uma época ainda bastante mal estudada (Zozaya, 1980a, p. 281). É simultaneamente um período de transição, em que são correntemente produzidos os artefactos que continuam ainda as tradições anteriores, embora com algumas alterações, o que em parte dificulta uma distinção clara. Por outro lado, tratando-se de um período politicamente bastante conturbado, nota-se uma degradação da economia o que se reflecte também na qualidade das produções da época, geralmente menos cuidadas.

A seguir, o advento dos Almóadas, que moveram uma perseguição não só contra os Cristãos mas também contra os seus correligionários Muçulmanos, nomeadamente os Almorávidas, é também responsável pela obliteração premeditada de uma parcela do património criado nesse período.

No al-Andalus as cerâmicas decoradas com a técnica de corda seca parcial são atribuídas geralmente aos níveis correspondentes ao período dos séculos XI/XII.

No contexto das escavações realizadas em Portugal, nomeadamente em Mértola, os candis com esse tipo de decoração são atribuídos ao séc. XI (Torres, 1987, n.º 27), em Moura surgem com a datação X/XI (Macias, 1993, p. 133-136), enquanto em Silves situam-se na camada datada dos séculos XI/XII (Gomes, 1988, p. 115, 117, 212), embora em algumas publicações mais recentes a técnica de corda seca parcial surja associada já aos níveis do séc. IX³⁴.

Morfologicamente, esses candis apresentam uma forma diferenciada dos candis da época califal. Têm uma base circular plana, depósito circular achatado na parte superior, colo mais alto, quase cónico, com boca pronunciadamente extravasada e bordo boleado. A junção das duas partes do depósito é executada

³² Opinião defendida por vários autores. Ver, entre outros, Zozaya, 1980a, p. 281 e 1981, p. 41 e 43; Bazzana, 1983, p. 119; Gomes, 1988, p. 103, 213, embora num estudo mais recente a autora rebate essa tese, atribuindo à técnica de corda seca parcial uma cronologia muito anterior (Gomes, 1995, p. 22 e 31).

³³ Apesar dos anos que o separam da 1.ª edição, continua válido como ponto de referência o trabalho de síntese de Torres Balbas, 1955.

³⁴ Ao contrário das afirmações anteriormente apresentadas, a mesma autora atribui-os, no seu estudo mais recente (1995, p. 30-31), às camadas ainda mais recuadas.

com cuidado, sem deixar nenhuma saliência. A asa mostra igualmente dimensões maiores, apresenta-se vertical em forma de “D” terminando na parte exterior do colo. O bico de canal apresenta-se mais alongado, sem o espessamento na junção com o depósito, com paredes facetadas e ponta triangular.

A decoração executada com a técnica de corda seca parcial é disposta na parte superior do depósito, junto do arranque do bico de canal e na parte superior do bico. Tem forma de linhas triangulares desenhadas a tinta castanha (óxido de manganês), preenchidas com esmalte que forma uma espécie de meia lua. Nos exemplares melhor conservados observa-se ainda dois traços circulares marcados a traços de tinta ocre junto do arranque do colo e às vezes na asa (fig. 13).

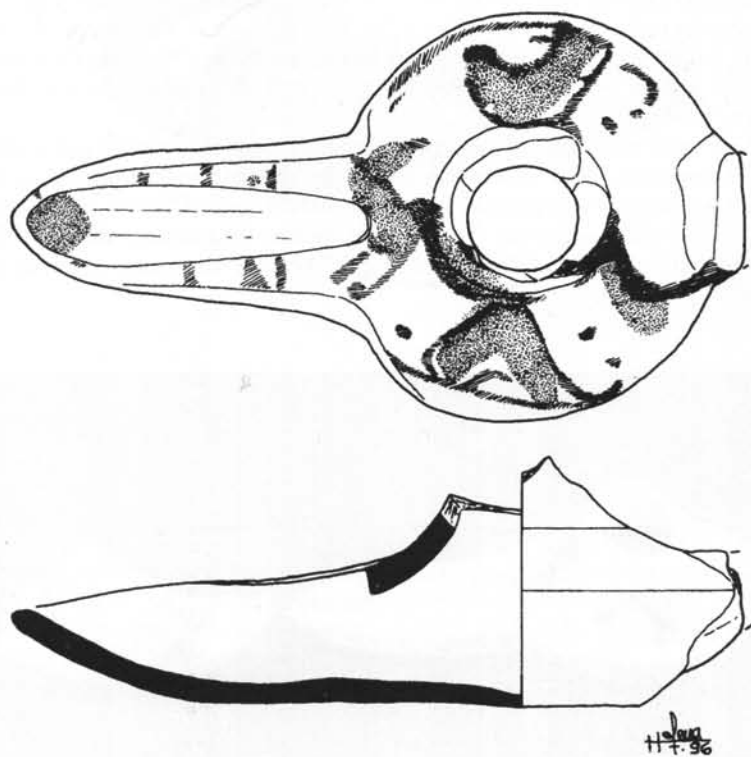


Fig. 13 – Candil n.º 16996/Prov. descon.

Na mostra do MNA esses candis estão representados por 27 exemplares, quase todos incompletos. O único exemplar inteiro, o n.º 17068/Silves³⁵ não per-

³⁵ Este candil foi oferecido por Francisco Vieira, médico de Silves, que na mesma altura ofereceu ainda outros artefactos islâmicos para o Museu (Sá, 1906, p. 199). Este candil figurou também na

mite, no entanto, uma apreciação plena da decoração em função do tratamento de limpeza a que foi submetido.

Deste modo, pode-se constatar a existência de diversos centros de fabrico através de uma execução mais ou menos cuidada, visível nos traços da pintura e na aplicação dos esmaltes que, nos exemplares patentes na colecção do MNA, mostram esmaltes seja amarelos seja verdes, de valores cromáticos diferenciados e em alguns casos com pigmentação irregularmente distribuída. Em termos de dimensões desses candis verifica-se igualmente uma diversidade, que no entanto parece obedecer a uma certa padronização, distinguindo-se nitidamente candis mais pequenos (diam. base: 4 cm) e maiores (diam. base: 4,5 cm).

Todos os candis apreciados neste grupo foram produzidos com pastas claras, bege ou bege rosadas, homogêneas e bem depuradas.

A aplicação de esmaltes verdes escuros existente nos exemplares provenientes de Silves, da colecção do MNA (n.º 996.1.6), Faro (n.ºs 17003 e 17007) e Beja (n.º 17000), foi atestada também nos candis exumados em Mértola (Torres, 1987, n.º 27), em Silves (Gomes, 1988, p. 115, 212-213) e ainda em Badajoz (Fernandez, 1985, p. 179, fig. 7-1).

Entre os restantes exemplares que ostentam uma decoração com aplicação de esmaltes amarelos destacamos cinco candis, que embora fragmentados, permitem apreciar uma ornamentação particularmente cuidada e um fino traçado de desenho a óxido de manganês. Trata-se de quatro fragmentos de proveniência desconhecida, n.ºs 16996, 17014, 17049B e 17049D, e um outro encontrado em Faro, n.º 17077 (fig. 14).



Fig. 14 – Fotografia dos fragmentos de candis decorados com a técnica de corda seca parcial.

exposição temporária do 1.º Centenário da Carta Archeologica do Algarve (Pereira, 1978, p. 34, n.º 203), como proveniente da colecção do extinto Museu Archeologico do Algarve que face da informação adiante citada que elucida a sua proveniência, não poderá ser mantida.

São ainda atestados candis de tipologia semelhante, cobertos de vidro monócromo, habitualmente melado, cuja boca termina em aba extravasada (Zozaya, 1980a, p. 282, fig. 14, 283; Torres, 1987, n.º 28). É exemplificado pelo candil n.º 17071/Loulé na colecção do MNA (fig. 15).



Fig. 15 – Fotografia do candil n.º 17071/Loulé.

2.4. Época dos Almóadas – séculos XII / XIII

Em relação ao território de Portugal essa época situa-se entre as balizas que medeiam entre 1154 e 1249. Esta época constitui simultaneamente a última época da presença islâmica em território nacional dado que, precisamente em meados do século XIII, ocorre o fim do longo processo sócio-histórico designado pela reconquista, decisivo para a formação de Portugal como uma entidade estatal independente, e também aquele que marcou de forma indelével as características sócio-culturais do País.

A presença almoada, devido à sua origem como um movimento de carácter religioso que com o tempo se instituiu como poder militar e político, introduziu profundas alterações na sociedade do al-Andalus, seja a nível político seja de vivência religiosa, o que inevitavelmente se reflectiu também na área da cultura e por conseguinte na das artes (Golzio, 1995, p. 349-354)³⁶.

³⁶ O autor chama atenção para a relação entre a emergente ideologia que em nome do Islão condena todas as manifestações de luxo e magnificência dos seus opositores políticos e o programa da destruição desses mesmos vestígios, e simultaneamente a sua própria afirmação através de construção de sumptuosos edifícios públicos, sobretudo de carácter religioso e militar.

É também neste período que as influências norte-africanas, ou melhor berberes, se fazem notar. Nos artefactos cerâmicos, ao nível da decoração, surgem algumas novidades, como o *sgraffiato*, emprego de tinta preta e a introdução da escrita cursiva *nashbi* (Zozaya, 1980a, p. 283-287). É ainda frequente a utilização de incisões como elemento decorativo, dando-se ainda a predominância dos motivos geometrizarantes estilizados de acordo com o espírito de austeridade da época (Rosselló Pons, 1986, p. 190).

No âmbito dos artefactos de iluminação opera-se uma “verdadeira revolução”, que se traduz pela introdução de duas tipologias novas, até àquela época desconhecidas no al-Andalus.

Trata-se nomeadamente do candil de depósito aberto de forma trilobada e do candil de pé alto.

O candil de depósito aberto (fig. 1b) apresenta base plana, paredes rectas ligeiramente extrovertidas, com bordo biselado e nos exemplares conservados inteiros, mostra uma asa dorsal de fita. Apresenta-se vidrado em ambas as faces.

O protótipo desse candil constitui uma forma de depósito aberto, formando numa extremidade um pequeno bico e tendo noutra uma espécie de pega, reconhecida, entre outros, em Nishapur, nos níveis correspondentes ao período dos sécs. VIII/IX (Wilkinson, *apud* Azuar Ruiz, 1986, p. 179, 181). A sua presença numa forma mais evoluída é atestada em Fustat e Susa, onde aparece nos sécs. X-XI já com a pega mais larga (Azuar Ruiz, 1986, p. 181, fig. 2), para finalmente chegar ao Magrebe, nos sécs. XI e XII com a asa totalmente moldada (Azuar Ruiz, 1986, p. 179), muito próxima da forma que adquire no al-Andalus e onde é conhecida através dos achados em diversos sítios (Azuar Ruiz, 1986, p. 180-181).

Esta tipologia, na mostra do MNA, é representada por seis exemplares, todos incompletos. O candil melhor conservado, o n.º 12794C e D³⁷ (fig. 16). Tem A: 2,5 cm e diam. base: 5,5 cm. Apresenta base plana, parede de depósito quase vertical incompleta. Tem asa de fita. É revestido totalmente de vidrado melado e produzido com a pasta alaranjada bem depurada.

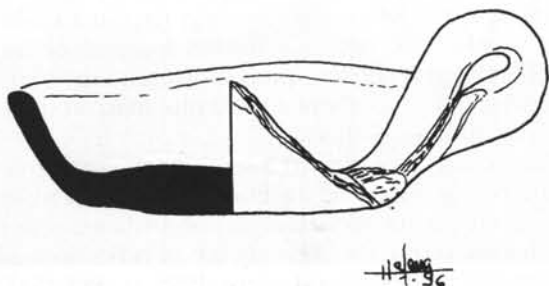


Fig. 16 – Candil n.º 12794 C e D/Mértola (dois fragmentos colados).

³⁷ Trata-se de um candil incompleto, composto por dois fragmentos colados. Provém de Mértola (castelo).

Outros candis, conservados em estado ainda mais fragmentado, correspondem a uma parte da base do depósito e a respectiva parede. É possível contudo constatar uma certa padronização em termos de dimensões. São produzidos com pastas alaranjadas ou avermelhadas, bem depuradas, sendo todos cobertos em ambas as faces de vidro, cujos valores cromáticos oscilam entre o melado acastanhado, o melado alaranjado e o amarelo vivo.

Dois outros exemplares, n.^{os} 17040/ proveniência desconhecida e 17119/Loulé, diferem, na medida em que os depósitos apresentam uma carena acusada, à semelhança das taças da mesma época, enquanto os restantes candis têm paredes quase verticais, ligeiramente extravasadas. Ambos apresentam ainda vidrados de tonalidades mais vivas.

Em Portugal, candis com características semelhantes foram reconhecidos em Mértola, nos níveis correspondentes à cronologia dos sécs. XII/XIII (Torres, 1987, n.^o 30). A sua existência foi ainda assinalada na colecção Hipólito Cabaço em Alenquer, entre os materiais recolhidos na zona do castelo daquela vila (Matos, 1971, est. 5, 30).

De notar que os artefactos de iluminação medievais que apresentam também uma forma semelhante, nomeadamente o depósito aberto de forma trilobada, diferenciam-se, no contexto cristão, pela ausência de asa e pelo acabamento de engobe pois nunca são vidrados.

O candil de pé alto, por sua vez, representa uma forma evolutiva do candil de depósito aberto, na medida em que a este é acrescentado um pé, oco por dentro, e apoiado numa peanha de forma circular com uma aba. A asa nasce a partir da parede do depósito aberto prolongando-se na vertical para se unir à base da peanha (fig. 1c). É coberto em toda a superfície por vidro monocromo.

Os exemplares desta tipologia da colecção do MNA, nove ao todo, encontram-se todos incompletos e fragmentados, o que é fácil de compreender dada a forma bastante elaborada e pouco compacta (fig. 17).

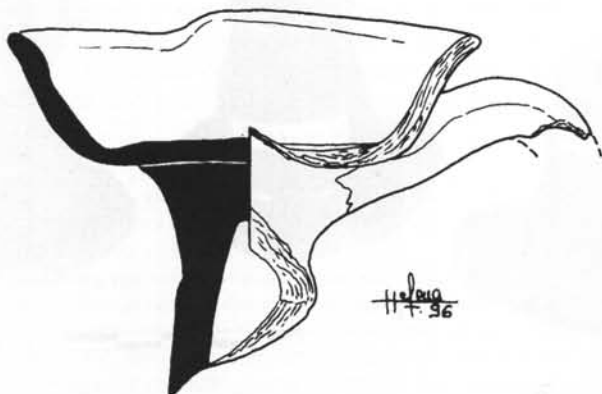


Fig. 17 – Candil n.^o 12000/8/79 de Beja, incompleto.

Os fragmentos conservados correspondem ou a uma porção do depósito (fig. 18), n.ºs 12000/8/79/Beja, 12000/10/79, 12793/Mértola, 12794A/Mértola e 12794B/Mértola, ou a uma parte do pé alto (fig. 19), nomeadamente os

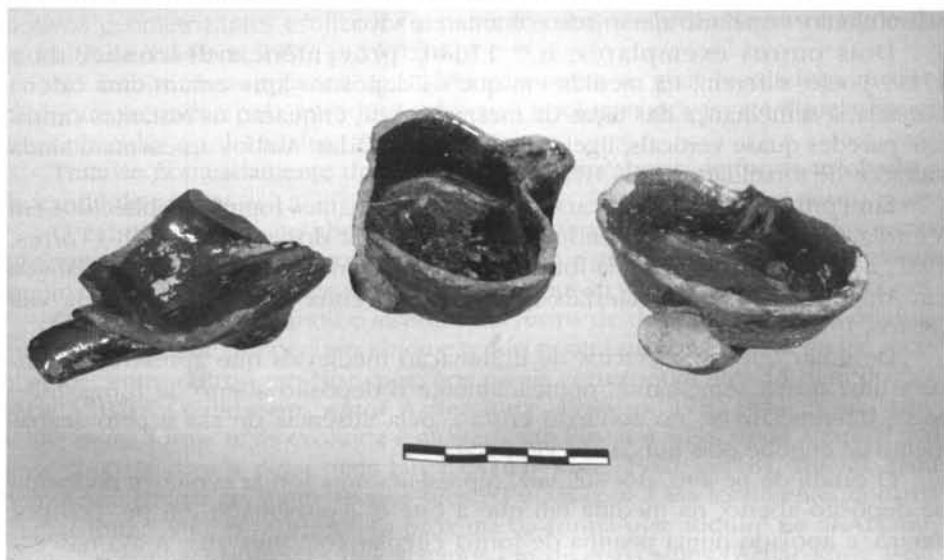


Fig. 18 – Fotografia dos fragmentos de depósito dos candis de pé alto.



Fig. 19 – Fotografia dos fragmentos dos pés dos candis de pé alto.

n.ºs 12000/13/79, 12000/14/79, 12000/12/79, de proveniência desconhecida, e ainda o n.º 17125 B/Loulé, onde é possível observar no pé alto uma saliência circular de carácter ornamental.

São produzidos com pastas que variam entre a cor de laranja avermelhada, cor de laranja ou bicolor, alaranjada nas extremidades e cinzenta escura no cerne, caso do n.º 12000/14/79. Todos apresentam-se revestidos de vidro monocrómico, cujos valores cromáticos variam entre o tom castanho alaranjado, castanho e esverdeado. É possível notar ainda, em alguns casos, uma pigmentação irregular dentro do mesmo artefacto. Em termos de proveniência referem-se ao Sul de Portugal, nomeadamente ao Alentejo.

Escavações mais recentes revelaram a existência da mesma tipologia, por exemplo em Mértola (Torres, 1987, n.º 31), também com revestimento de vidro plúmbeo.

Neste grupo de candis é igualmente possível verificar uma certa padronização de dimensões.

É muito provável que o candil de pé alto tivesse surgido primeiro no Al-Andalus como uma forma evolutiva do candil de depósito aberto e só depois tivesse passado para o Magrebe. No contexto magrebino esses candis foram precisamente atestados em níveis mais tardios³⁸, tendo tido uma existência prolongada (El Zoco, 1995, p. 96-97)³⁹, a ponto de serem ainda hoje produzidos pelos artesãos locais.

Com dimensões um pouco maiores e cobertos habitualmente de esmaltes, seja branco leitoso seja azul turquesa, foram também produzidos no período de pós-reconquista por artesãos mudéjares nas oficinas do Levante espanhol⁴⁰, atestando assim a sobrevivência de formas e técnicas cerâmicas de origem islâmica no contexto cristão.

Evidentemente que a par desses modelos continuaram a ser produzidos também candis com bico de canal. Esses exemplares mostram o depósito globular, colo bitroncocónico acentuadamente inclinado de modo assimétrico do lado do bico de canal, com ponta levantada e a abertura do canal mais funda (Zozaya, 1980a, p. 285).

A essas características corresponde o candil n.º 16983⁴¹/ Faro (fig. 20), coberto de vidro monocrómico melado castanho cuja tipologia demonstra semelhanças com candis em metal produzidos na mesma época.

Existem ainda dois candis com características semelhantes, cobertos apenas de engobe em ambas as faces e com decoração incisa na forma de pares de

³⁸ São associados ao período merínida, coincidindo com os sécs. XIII/XIV (Cardenal, 1980, p. 238, 239 e 241, fig. 10), embora estejam presentes nos achados em Fustat, atribuídos ao período dos sécs. XII/XIII (Kubiak, 1970, p. 18, est. 4, fig. 22).

³⁹ A reprodução mostra um exemplar atribuído ao séc. XIX.

⁴⁰ Os candis de pé alto saídos das oficinas levantinas apresentam algumas variantes como, por exemplo, a existência de dois bicos (*La Cerámica de Paterna al Segla XIII*, 1989, p. 21, fig. 67; Rosselló Bordoy, 1964, p. 331, lám. 9, fig. 3, mostra achados atribuídos aos sécs. XIII e XIV).

⁴¹ Este candil pertenceu à colecção do extinto Museu Archeologico do Algarve e figurou na exposição temporária do 1.º Centenário da Carta Archeologica do Algarve (Pereira, 1981, fig. 7b, 1978, p. 34, n.º 203); actualmente, encontra-se em exposição no MNA (Catálogo *Portugal Islâmico*, 1998, n.º 205).

linhas verticais incisas junto do bico de canal, nomeadamente os n.ºs 17069⁴² (fig. 21) e o n.º 17072, ambos provenientes de Silves⁴³.

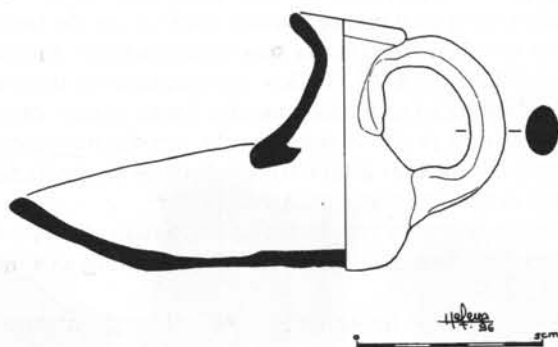


Fig. 20 – Candil n.º 16983/Faro.

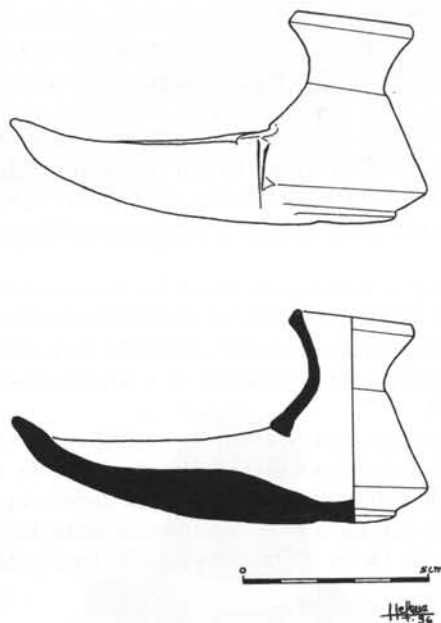


Fig. 21 – Candil n.º 17069/Silves.

⁴² Trata-se de um candil de dimensões relativamente pequenas, A: 5,6 cm, C: 12,3 cm e diam. depósito: 3,5 cm, produzido com pasta avermelhada e aparentemente sem asa. Uma observação mais pormenorizada permite, contudo, ver o sítio onde estava colada a asa, entretanto desaparecida. Este candil foi oferecido por Francisco Vieira, conjuntamente com outros objectos islâmicos (Sá, 1906, p. 199).

⁴³ Este último exemplar integra presentemente a exposição permanente do Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

Os artefactos cerâmicos islâmicos raramente ostentam assinaturas ou marcas de oleiros. No caso da colecção do MNA nenhum dos candis apresenta uma marca desse tipo nem existe nenhum candil com ornamentação de carácter epigráfico.

3. Candis em metal

Os candis em metal constituem peças bastante raras, dado tratarem-se de objectos de luxo.

A sua escassez está igualmente relacionada com a sua fragilidade, em termos de conservação, e com a sua frequente reutilização através da fundição para a obtenção de matéria prima.

Eram produzidos numa liga de metal onde predomina o cobre misturado em diferentes proporções com outros metais, como o chumbo e o zinco, cujos conteúdos variavam segundo a liga se destinava ao vazamento em molde ou à martelagem para a obtenção do produto final. Apesar das aparências semelhantes não será correcto designar esta liga por bronze, no caso de produções islâmicas, dado que o que o processo tecnológico aplicado era diferente (Ward, 1993, p. 29)⁴⁴.

A produção de artefactos de metal, seja de carácter utilitário como candis, suportes de candis, incensores, aquamanis, taças, vasos, etc., seja de objectos meramente decorativos, executados com aplicação de técnicas tão diversas como moldagem, martelagem, gravação, cinzelagem ou *tauxia*, tem uma longa tradição no mundo islâmico. Das oficinas surgidas no Irão Oriental e no Afeganistão, ainda no séc. IX, em breve se expandiu para outras zonas, atingindo o seu auge no al-Andalus no séc. XII, embora as oficinas cordovesas do período califal já tivessem produzido obras notáveis que influenciaram outros centros de produção peninsulares.

O MNA possui no seu acervo três candis em metal, os n.ºs 17027, 35037, 17028, e ainda dois pequenos ornamentos, n.ºs 17029 e 17030, muito provavelmente pertencentes a candis e que, por essa razão, os incluímos também neste estudo.

A primeira e as duas últimas peças situam-se, inequivocamente, no âmbito das produções peninsulares, enquanto as duas restantes representam, a primeira, uma peça original de proveniência desconhecida e a segunda a sua réplica moderna.

O candil n.º 17027 (fig. 22), com dimensões A: 6,8 cm; Diam. peanha: 6,2 cm, representa um exemplar excepcional, de dois bicos de canal. Tem um depósito em forma de esfera cortada por dois planos horizontais, assente sobre uma espécie de peanha, oca interiormente, de forma entre cilíndrica e troncocónica. Da parede esférica nasce um bico de canal com paredes laterais planas e fundo

⁴⁴ Em termos técnicos, bronze é uma liga de cobre com estanho e eventualmente com uma percentagem mínima de zinco. No mundo islâmico não era conhecido, excepto para produção de espelhos. A cor escura e a patina dos objectos produzidos com uma liga corrente de cobre com alto teor de chumbo está na origem errónea da sua classificação como "bronze".

em meia cana, subsistindo ainda o orifício de um outro bico, entretanto mutilado. Tem ainda asa com um ornamento saliente no topo que parece todavia incompleto visto mostrar uma superfície fracturada. No centro do disco superior do depósito existe um pequeno orifício redondo, existindo na sua prumada um outro orifício, no centro do disco inferior. Este último orifício destinava-se a receber o cravo de fixação do suporte.



Fig. 22 – Fotografia do candil n.º 17027/Cacela.

Ostenta decoração em relevo, composta por pequenas incisões formando um arco polilobado, centrada exclusivamente em torno dos orifícios donde saem os dois bicos de canal (fig. 23).

Este candil foi encontrado na Quinta da Fidalga, Cacela (Vasconcelos, 1903, p. 120-121, 1915, p. 193, 1920, 9. 230), e oferecido em 1896 ao então Museu Ethnologico Português, por intermédio do Reverendo Jacinto Augusto Quintino, na altura Prior de Cacela.

No contexto português é um exemplar único do género. Sabe-se contudo da existência de um outro candil em metal, proveniente também da freguesia de Cacela, em tempos integrado numa colecção particular⁴⁵ e cujo actual paradeiro se ignora. Além destes, são ainda conhecidos dois candis de corpo globular e de

⁴⁵ Noticiada em primeira mão numa carta de Francisco Silvestre de Sousa Rocha dirigida a Leite de Vasconcelos, de 31 de Março de 1895. Legado Epistolar Leite de Vasconcelos, MNA (transcrita em Vasconcelos, 1900, p. 247-248, 1903, p. 119, fig. 1a).

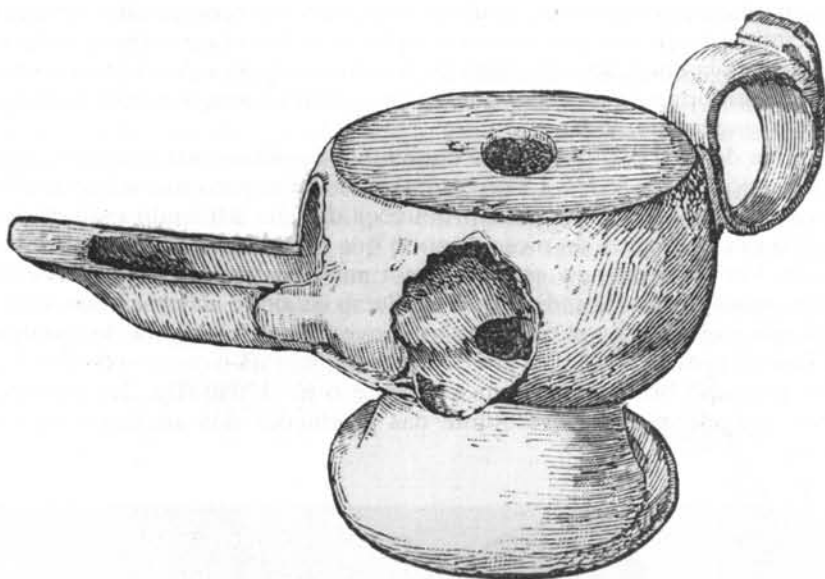


Fig. 23 – Candil n.º 17027/Cacela, conforme reproduzido n' *O Arqueólogo Português*, 1903, vol. VII, p. 120, fig. 3a.

um bico só, praticamente sem decoração exceptuando a asa que possui um ornamento. Um recolhido num antigo cemitério de Faro, actualmente em depósito no Departamento de Arqueologia da Universidade do Algarve⁴⁶ e outro, proveniente das escavações na área da Alcáçova de Mértola (Torres e Silva, 1989, p. 52; Macias, 1996, p. 91), pertencente à colecção do Campo Arqueológico de Mértola. Ademais, existe ainda um exemplar de candil em metal proveniente de Silves, actualmente no acervo do Museu Regional de Lagos. Apresenta depósito aberto e tem uma asa lateral recortada⁴⁷. Recentemente, foi encontrado em Silves um exemplar incompleto com dois bicos de canal, da época almoadá (Catálogo *Portugal Islâmico*, 1998, n.º 194).

Os paralelos mais próximos do candil da colecção do MNA encontram-se nas colecções espanholas. Uma referência mais antiga constitui um exemplar encontrado no Palácio Galiana, Toledo (Amador de los Rios, 1899, p. 13) que apresenta uma forma análoga e onde é visível um acabamento da asa que no exemplar toledano se prolonga numa folha estilizada ornamentada. Mais recente

⁴⁶ Agradecemos esta informação à Exm.ª Sr.ª Dr.ª Teresa Gamito (Departamento de Arqueologia da Universidade do Algarve).

⁴⁷ Este candil foi oferecido ao Museu Regional de Lagos por Pedro Mascarenhas Júdice, conjuntamente com artefactos cerâmicos da época islâmica (Viana *et al.*, 1953, p. 132, lam. IV, 56).

é um achado proveniente de Palma de Mallorca⁴⁸ que representa um candil muito semelhante ao do MNA, também com dois bicos de canal e igualmente com a terminação de asa, que neste exemplar se apresenta completa, com decoração fitomórfica em forma de palmeta. No disco superior possui um elemento decorativo em forma de pináculo que aparece, numa forma um pouco diferente, também no exemplar toledano.

A forma de arco polilobado que enquadra os orifícios dos bicos de canal no exemplar da colecção do MNA, corrente também na arquitectura e nos artefactos cerâmicos da época, aponta para produções do séc. XII onde esse elemento decorativo era frequente, do mesmo modo que o legitimamente suposto acabamento em forma de palmeta estilizada, por analogia com os exemplares acima referidos, motivo aliás difundido pelas influências norte-africanas dos sécs. XI-XIII, o que permite situar o exemplar proveniente da Quinta de Fidalga na última fase da presença islâmica em Portugal.

Um pequeno ornamento, nomeadamente o n.º 17030 (fig. 24) conservado no MNA, permite ajuizar do requinte das produções dos artefactos de metal islâmicos.



Fig. 24 – Fotografia do ornamento de candil n.º 17030/Prov. descon.

Trata-se de uma peça, A max.: 6 cm, obtida por vazamento em molde com decoração gravada. Representa um pássaro estilizado, em posição do pouso,

⁴⁸ Trata-se de um exemplar bem conservado (lam. II) que permite antever a configuração original do candil da colecção do MNA (Rosselló Bordoy, 1962, p. 232-233, lám. II, 5 a 7).

com asas fechadas e cauda virada para baixo. Tem pescoço comprido e bico curvado. Os pés integrariam a asa, entretanto partida, do artefacto original cuja proveniência se ignora.

Para a sua função original, como ornamento da asa de um candil, aponta o seu paralelo mais próximo conhecido, nomeadamente um candil em metal, encontrado em finais do século passado em Osuna, Espanha⁴⁹, actualmente no acervo do Museu Arqueológico de Sevilha.

Trata-se de um exemplar excepcional, profusamente decorado, incluindo elementos de epigrafia e cuja asa está encimada⁵⁰ por um pássaro muito semelhante ao do exemplar em apreço. É atribuído ao século XI e pela qualidade de trabalho que demonstra será legítimo situá-lo na época califal.

Por analogia com o candil de Osuna, apresentamos em desenho (fig. 25) uma provável integração do ornamento n.º 17030/MNA, como parte integral da asa do artefacto original inexistente.

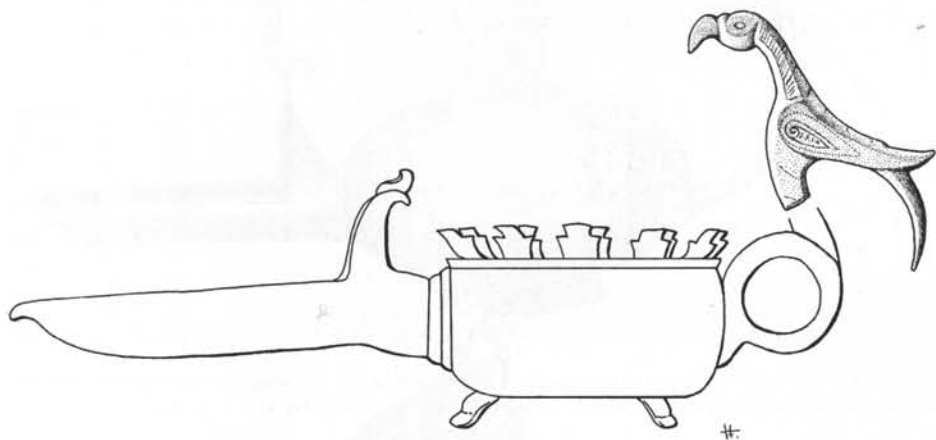


Fig. 25 – Uma provável integração do ornamento n.º 17030/Prov. descon. no artefacto original.

As formas zoomórficas são muito frequentes nas artes islâmicas, seja como peças funcionais seja como meros ornamentos executados em cerâmica, em metal e nos têxteis, e onde está patente a ligação com os seus protótipos orientais, sobretudo iranianos.

Estiveram em voga igualmente no al-Andalus, como o comprovam as peças já referidas da colecção do MNA, ou ainda diversos exemplares conservados nas colecções de outros museus⁵¹.

⁴⁹ Segundo o desenho publicado na época, encontrava-se fragmentado. A asa apresentava-se partida precisamente na zona correspondente à fractura que mostra o exemplar do MNA (Rios, 1899, p. 9-12, inclui dois desenhos, um mostrando o corpo do candil com a asa fracturada, e separadamente, o referido ornamento em forma da ave).

⁵⁰ Já restaurado, figurou na exposição *El Legado Andalusi* (1995, p. 33).

⁵¹ Entre outros: (1979), *Museum für Islamische Kunst*, Katalog, n.º Cat. 424; (1987), *Musée de IMA*, Catalogue, p. 52.

Dentro da mesma linha estilística situa-se o exemplar, já referido, da colecção de Francisco Silvestre de Sousa Rocha, cujo actual paradeiro se desconhece e que ostentava, segundo um desenho conservado (fig. 26)⁵², três figuras de pássaros estilizados, dois a ornamentar a asa e o terceiro o bico.

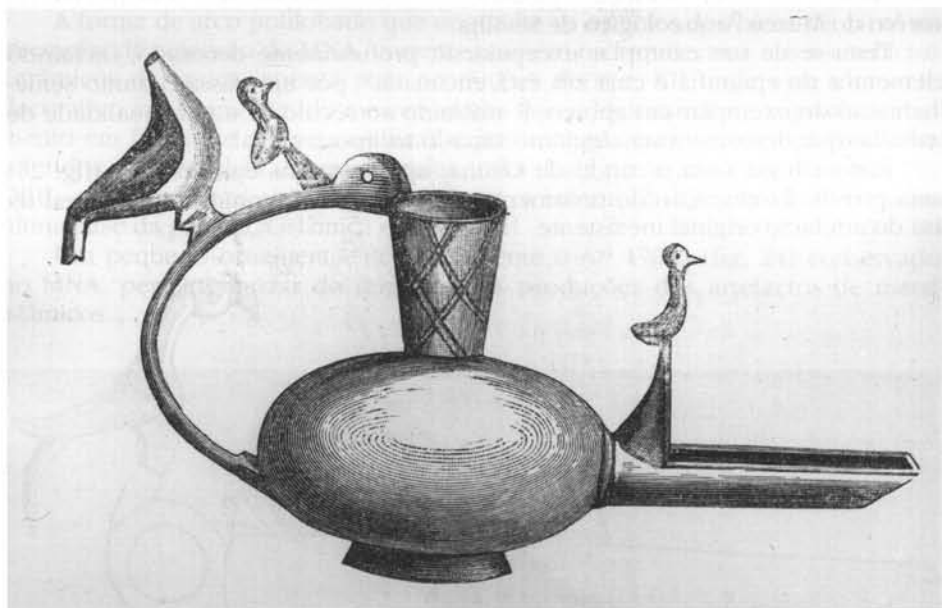


Fig. 26 – Desenho do candil em metal da colecção de Francisco S. de Sousa Rocha segundo desenho de Maximiano Apolinário reproduzido n' *O Arqueólogo Português*, 1900, vol. V, p. 248.

Na colecção do MNA existe ainda um outro pequeno ornamento em metal, n.º 17029, igualmente em forma de pássaro (fig. 27). Constitui uma peça solta, A: 5,4 cm e C: 6 cm, produzida por vazamento em molde, com um orifício na parte inferior que permite inferir a sua integração num outro artefacto. É pois perfeitamente plausível que se trate também de um elemento ornamental de um candil, enquadrando-se no esquema muito semelhante ao do candil atrás referido. Pertenceu à colecção do Prior de Salir⁵³ e por isso será legítimo situá-lo no contexto das produções peninsulares ou até mesmo locais, ou seja algarvias.

Por sua vez, o candil marcado com o n.º 35037 (patente na exposição *Portugal Islâmico*, MNA, 1998, n.º 195) tem forma de um pássaro em pé, com cauda aberta (fig. 28). Tem A: 13,5 cm e C: 18,3 cm. É produzido por vazamento

⁵² Desenho de *O Arqueólogo Português*, 1900, vol. 5, p. 248 (da autoria de Maximiano Apolinário) e 1903, vol. 7, p. 119.

⁵³ Este artefacto foi adquirido em Junho de 1913 por Leite de Vasconcelos ao irmão do Prior de Salir, já depois do seu falecimento, conjuntamente com outras peças da colecção (E 4927, Livro de Entradas MNA; Machado, 1920, p. 243, 1965, p. 284-285, fig. 109).



Fig. 27 – Fotografia do ornamento de candil n.º 17029.



Fig. 28 – Fotografia do candil em metal n.º 35037 da antiga colecção de D. Luís I.

em molde com decoração gravada. A ave possui cauda e asas ornamentadas com motivos gravados, da mesma maneira que o bico de canal a desenvolver-se a partir do peito, e também os olhos ostentam motivos de arabescos. Na cauda e na crista existem orifícios circulares destinados, muito provavelmente, para suspensão da peça. A superfície mostra uma camada homogênea de oxidação.

É um candil de origem desconhecida. Provém da antiga colecção d'El Rei D. Luís I, apaixonado coleccionador de obras de arte⁵⁴ que adquiria em Portugal e no estrangeiro. A ficha da peça traz a referência "Palácio Nacional da Ajuda, n.º 624"⁵⁵. Contudo, essa indicação não nos permitiu, até à data⁵⁶, obter mais elementos que pudessem esclarecer a sua verdadeira proveniência.

Pela tipologia que apresenta não deixa de pertencer à esfera das artes islâmicas, pois candis de diversas formas zoomorfas, com um ou mais bicos de canal, eram correntemente produzidos tanto no Oriente islâmico como no al-Andalus, ou ainda na Sicília muçulmana.

Quanto à sua datação não dispomos de elementos seguros. Candis antigos de formas zoomorfas não apresentam contudo pés ou patas separadas, antes uma espécie de peanha como acabamento do corpo. Um exemplar bastante próximo da configuração do candil em apreço constitui uma peça muito mais tardia, um candil em forma de papagaio em pé, também com orifícios na cauda e na parte superior da cabeça, da colecção do British Museum⁵⁷.

No exemplar da colecção do MNA podemos observar ainda que os pés não são soldados mas destacáveis, formando uma rosca que tudo indica ter sido feita recentemente (fig. 29) A observação da peça à lupa permite constatar zonas de serração em torno dos orifícios de fêmeas⁵⁸, indício de que os pés foram serrados, muito provavelmente na altura da produção dos moldes, do corpo e separadamente dos pés, para produzir a réplica que constitui o artefacto n.º 17028.

⁵⁴ El Rei D. Luís I demonstrou durante toda a vida um acentuado interesse pelas artes e letras, tendo-se distinguido como coleccionador sobretudo de pintura e numismática. Ver (1990) *D. Luís, Duque do Porto e Rei de Portugal. Catálogo*, Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda, p. 139 e 195.

⁵⁵ Segundo informação da Exm.^a Sr.^a Dr.^a Graça Mendes Pinto, na altura conservadora do PNA, que aqui agradecemos. Este n.º de Inventário corresponde actualmente a uma peça de cerâmica.

⁵⁶ Foram feitas várias tentativas, entre 1994 e 1997, no sentido de esclarecer se se trata de um n.º do arrolamento dos bens da Família Real ou eventualmente um outro da colecção régia. Estas tentativas não produziram, no entanto, qualquer resultado, dada a impossibilidade de acesso à documentação do PNA, nomeadamente fontes ms. como: Inventário Judicial do PNA, Lisboa, 1910-1914 e Arrolamento dos Paços, Lisboa, 1910-1921. No *Catálogo Ilustrado ...*, 1882, p. 30, n.º 244, encontramos a seguinte referência que aqui se transcreve: "Candieiro mural de ferro. A lampada tem a forma de ave. É adornado com flores e folhas de ferro. Academia Real de Bellas Artes de Lisboa". Lembremos neste contexto que essa exposição foi organizada precisamente sob a protecção d' El Rei D. Luís I. Contudo nada permite tirar conclusões no sentido da identificação das peças, descrita no texto e a em apreço.

⁵⁷ Texto da legenda da peça exposta: "Parrot shaped oil lamp for suspension, India, XIXth century".

⁵⁸ Gostaríamos de expressar os nossos agradecimentos à Exm.^a Sr.^a Dr.^a Margarida Santos, técnica de restauro, pela peritagem prestada neste, e em muitos outros casos, aquando do estudo da Colecção Islâmica do MNA no que diz respeito à conservação dos materiais.

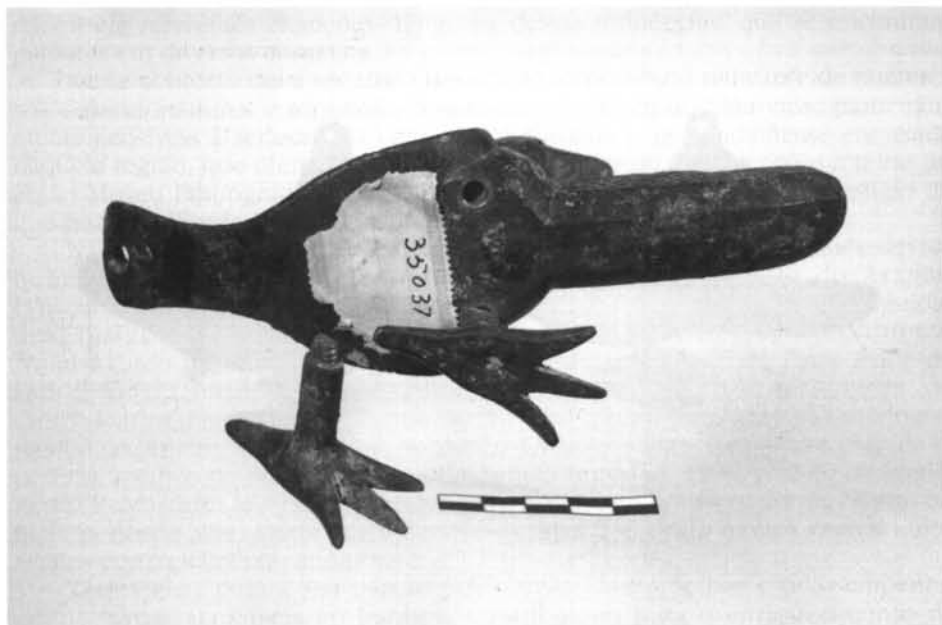


Fig. 29 – Fotografia do candil n.º 35037 com uma pata desatarraxada.

Esta outra peça, idêntica à acima descrita e com as mesmas dimensões, feita segundo a documentação existente⁵⁹, muito provavelmente nas oficinas do MNAA, já no século XX, apresenta uma superfície brilhante sem vestígios de oxidação nem da presença de cloretos (fig. 30).

4. Conclusões

A apresentação deste primeiro esboço da evolução do candil em território português foi possível graças à larga representatividade deste artefacto, tanto em termos tipológicos como cronológicos, existente na Colecção Islâmica do MNA, e que muito embora restrita naturalmente ao universo deste acervo, cobre vários sítios islâmicos do País e do estrangeiro, permitindo assim dar um panorama bastante abrangente.

⁵⁹ A documentação existente no MNA limita-se à ficha do inventário que no que diz respeito à origem desta peça, indica: "Vinda das Janelas Verdes, com ponto de interrogação". No ficheiro do Museu Nacional de Arte Antiga foi localizada uma ficha n.º 86 com a referência de "Galvanoplastia", não tendo sido contudo possível confirmar se essa ficha corresponderia à peça no MNA. Segundo a informação da Exm.ª Sr.ª Dr.ª Marília Pereira, conservadora do MNAA, que agradecemos, nos anos quarenta foram executadas no MNAA várias galvanoplastias, réplicas das peças originais.

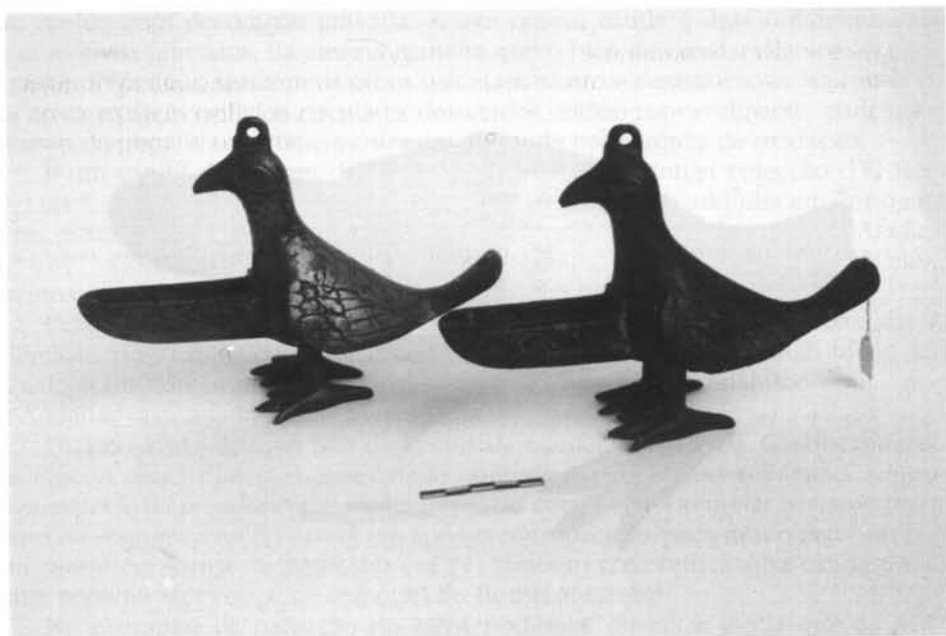


Fig. 30 – Fotografia do candil n.º 35037 e a sua réplica n.º 17028.

Este estudo, todavia, não pode nem pretende ser definitivo uma vez que os artefactos estudados, desprovidos, como já foi referenciado, do contexto arqueológico em função da sua origem, possibilitam focar apenas os aspectos formais e estéticos, devendo as atribuições cronológicas serem consideradas como aproximações porque estabelecidas por analogia com peças congêneres de outras colecções.

A publicação do estudo de materiais ainda inéditos, provenientes de escavações e dispondo de estratigrafias seguras, irá certamente proporcionar elementos novos que eventualmente poderão tornar necessário rever algumas das afirmações aqui apresentadas.

O significado desta colecção, no âmbito nacional e no que se prende directamente com as circunstâncias particulares em que foi constituída, merece ser realçado. Ela reflecte, nomeadamente, a trajectória do desabrochar do interesse pelo património islâmico em Portugal, iniciado com o projecto pioneiro de Estácio da Veiga – que culminou com a criação do Museu Archeologico do Algarve (1880-1881), e de cujo acervo provêm, inclusive, alguns exemplares de candis – e que mais tarde teve continuidade no programa do Museu Ethnographico Portuguez, traçado pelo seu fundador e primeiro director, Leite de Vasconcelos.

É sem dúvida a estes dois grandes vultos da cultura portuguesa que se deve uma significativa chamada de atenção para a importância desta parcela do património nacional, intimamente ligada à presença árabe-islâmica em Portugal. Este período histórico, ainda hoje insuficientemente conhecido, marcou de forma indelével as características sócio-culturais do País, constituindo os vestígios mate-

riais a ele referentes elementos tangíveis dessas influências, que se encontram patentes em diversos domínios.

Neste contexto deve ser ainda destacado o contributo relevante de numerosos colecionadores e arqueólogos-amadores, sobretudo algarvios, particularmente sensíveis à sedução da cultura árabe-islâmica, profundamente enraizada naquela região, que ofereceram numerosos objectos ou até colecções inteiras ao então Museu Ethnographico Português, devido em grande parte ao prestígio de que gozava o fundador desta instituição.

Não podemos deixar de lembrar, pelo menos, alguns dos nomes desses beneméritos do Museu. Citemos: Carlos Augusto Teixeira do Aragão (Vasconcelos, 1903, p. 123, 1915, p. 309), médico, colecionador de antiguidades, insigne numismata e nessa última qualidade Director do Gabinete Numismático d'El Rei D. Luís I; Dr. Coelho de Carvalho⁶⁰ de Faro; Prior de Salir⁶¹; Revd.^o Jacinto Augusto Quintino⁶², Prior de Cacula e, mais tarde, de Castro Marim; Francisco X. Athayde de Oliveira⁶³, autor de numerosas monografias dedicadas ao Algarve natal; Sebastião Ortigão⁶⁴; Francisco Vieira (Sá, 1906, p. 199), médico de Silves; António dos Santos Brito (Sá, 1906, p. 200) de Loulé; Pedro P. Mascarenhas Júdice⁶⁵, engenheiro agrónomo e historiador de Silves; ou mais perto de nós, Maria Luisa das Neves Silva⁶⁶, e ainda muitos outros cujos nomes permanecem no anonimato.

Todos eles, com a sua paixão pelas antiguidades árabes e pelo empenho em as tornar acessíveis ao público, contribuíram para o enriquecimento da colecção de candis do Museu e, o que ainda é mais relevante, para o resgate dessa parcela da memória colectiva, dizimada ao longo do tempo por vicissitudes de ordem diversa.

Será também interessante lembrar que na antiga exposição permanente do Museu, existiu um núcleo dedicado à Etnologia de Iluminação que mostrava dentro da respectiva vitrine um conjunto de artefactos de iluminação onde figuraram também todos os mais relevantes exemplares de candis (fig. 31).

Concluindo, há ainda um outro aspecto que nos parece pertinente referir no que diz respeito ao estudo do património islâmico. Sendo um facto inegável que o conhecimento da sua existência se deve sobretudo à arqueologia, não deixa de ser menos verdade que o seu estudo global e a interpretação contextualizada, inserida nas realidades específicas sócio-culturais só é viável através de uma perspectiva multidisciplinar onde não pode estar ausente a arabística, a única disci-

⁶⁰ Dr. Coelho de Carvalho ofereceu dois candis, quase inteiros, vidrados, encontrados na zona do castelo de Faro. A sua identificação não é contudo possível em função dos elementos disponíveis (Vasconcelos, 1915, p. 37).

⁶¹ Ver Livro de Entradas MNA, E 4927, e ainda: "Acquisições", (1920), *O Arqueólogo Português*, vol. XXIV, p. 243.

⁶² *O Arqueólogo Português*, 1897, vol. III, p. 125.

⁶³ *O Arqueólogo Português*, 1911, vol. XVI, p. 108.

⁶⁴ *O Arqueólogo Português*, 1897, vol. III, p. 125.

⁶⁵ Várias referências na correspondência trocada entre 1911-1934. Legado epistolar Leite de Vasconcelos, MNA.

⁶⁶ Carta ms. datada de 9 de Maio de 1967, Acervo do MNA, cujo conteúdo transcrevemos: "Ao Museu Etnológico Leite de Vasconcelos, ofereço os seguintes achados que fiz na cidade de Silves: uma lucerna inteira, uma partida e fragmentos de cerâmica, sendo todos de origem árabe. Ficando com essas peças, não teria possibilidade de as tornar conhecidas e assegurar a sua conservação. Nestas circunstâncias, tenho o maior prazer em oferecê-las. Maria Luisa das Neves Silva", seguido de assinatura.

plina que através do acesso directo que proporciona às respectivas fontes como ainda à civilização e arte árabes, permite abalizar as ilações tiradas do contexto arqueológico, consubstanciando-as com a metodologia e a epistemologia próprias.

Da necessidade da colaboração de arabistas nesse campo estavam cientes tanto Estácio da Veiga, recorrendo à peritagem de Ricardo Amador de los Rios para a leitura de lápides⁶⁷ e espécimes de numismática⁶⁸ como, mais tarde, Leite de Vasconcelos, convidando David Lopes (1896, p. 206-208, 1968, p. 143-145) e Alois R. Nykl⁶⁹ para procederem ao estudo de epigrafia. O Museu Etnológico Português do Dr. Leite de Vasconcelos manteve-se fiel a essa longa tradição, beneficiando do labor intelectual de Joaquim Abreu Figanier (Machado, 1965, p. 45, 103, 128) e José D. Garcia Domingues⁷⁰.



Fig. 31 – Núcleo de Etnologia de iluminação patente na antiga exposição permanente do MNAE. Arquivo Fotográfico do MNA, chapa de vidro n.º 1284.

⁶⁷ Este estudioso procedeu à leitura das lápides que Estácio da Veiga recolheu em Mértola em 1877, durante a sua passagem por Lisboa onde as examinou na Academia Real de Belas Artes (Rios, 1878, p. 314-318, 333), onde dá as primeiras notícias e as respectivas traduções, apresentando-as mais tarde num trabalho de conjunto (Rios, 1883; Veiga, 1880, p. 157, 160).

⁶⁸ Foi solicitado a R. Amador de los Rios o estudo das moedas encontradas no Castelo de Mértola (Veiga, 1880, p. 39).

⁶⁹ Os monumentos epigráficos da época árabe da coleção do MNA, excepto a lápide de Serpa que deu entrada no Museu mais tarde, foram estudadas e publicadas por Alois R. Nykl (1942, p. 23-31, 1946, p. 167-183).

⁷⁰ O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia organizou alguns ciclos de conferências, algumas delas dedicadas ao património e à história do período islâmico, onde, entre outros, participou o insigne arabista português, José D. Garcia Domingues. Ver (Machado, 1965, p. 170) e ainda (Kemnitz, 1997b, p. 46-47).

Bibliografia

- AAVV (1986) – *Exposición. La mesquita de Córdoba: s. VIII-XV*. Córdoba.
- ABELLÁN, J. [et al.] (1986) – Cerámica hispano-musulmana de la Provincia de Cadiz. Primeras piezas halladas en el yacimiento de los Canos de Meca. In *Cerámica Medieval en Mediterraneo Occidental*. Madrid. p. 141-147.
- AMADOR DE LOS RIOS, R. (1878) – *Lápidas arábigas del Museo Provincial de Córdoba*. 9, p. 314-318.
- AMADOR DE LOS RIOS, R. (1883) – *Memoria acerca de algunas inscripciones arábigas de España y Portugal*. Madrid.
- AMADOR DE LOS RIOS, R. (1899) – Industria Hispano-Mahometana. Lucernas ó Candiles de Bronce. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 3, p. 7-14.
- AMR, A. J. (1984) – Some Ayyubid pottery lamps from Rujm al-Kursi and other related Mameluk examples. *Berytus*. Copenhagen. 32, p. 201- 210.
- ARANDA LINARES, C. (1984) – *Estudio tipológico de los candiles musulmanes de barro del Museo de Cádiz*. Cádiz. p. 153-191.
- Auto de Saída – Cedência temporária de espécies arqueológicas ao Museu Municipal de Silves, datado de 7 de Agosto de 1990. Arquivo do MNA.
- AZUAR RUIZ, R. (1986) – Algunas notas sobre el candil de cazoleta abierta y de pelizco, hispanomusulmán. In *Cerámica Medieval del Mediterraneo Occidental*. Madrid. p. 179-183.
- BAILEY, D. M. (1980) – *A catalogue of the lamps in the British Museum*. London: British Museum. vol. 2.
- BAZZANA, A. (1983) – *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*. Valencia: Ayuntamiento de Valencia. p. 194.
- CARDENAL, M. G. de (1980) – Recherches sur la céramique médiévale marocaine. In *La Céramique Médiévale Occidentale*. Paris: CNRS. p. 227- 249.
- CASTILLO GALDEANO, F. e MARTINEZ MADRID, R. (1993) – Producciones cerámicas en Bayyana. In *La Cerámica Altomedieval en el Sur de al-Andalus*. Granada. p. 69- 116.
- CASTILLO GALDEANO, F.; MARTINEZ MADRID, R.; ACIÉN ALMANSA, M. (1987) – Urbanismo y industria en Bayyana. Pechina. Almeria. In *Actas II Congreso de Arqueología Medieval Espanola*. Madrid. vol. II, p. 539-548.
- DAY, F. (1942) – Early Islamic and Christian lamps. *Berytus*. Copenhagen. 7, p. 64-79.
- ESTEVE GUERRERO, M. (1945) – Excavaciones de Asta Regia. Mesas de Asta. Jerez. Campana de 1942-43. Madrid. (Acta Arqueológica Hispánica; 3).
- FERNANDEZ, F. V. (1985) – *Los Candiles Islámicos del Museo de Badajoz*. Badajoz: Diputación Provincial de Badajoz. p. 183.
- GOMES, R. V. (1988) – Cerámicas muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1.
- GOMES, R. V. (1991) – Cerámicas almoadas do Castelo de Silves. In *Cerámica Medieval no Mediterrâneo Occidental*. Mértola: CAM. p. 387-403.
- GOMES, R. V. (1995) – Cerámicas muçulmanas de Silves, dos séculos VIII e IX. In *Actas 1.ª Jornadas de Cerámica Medieval e Pós-medieval*. Tondela. p. 19-32.
- GOMES, R. V. (1996) – Silves nos descobrimentos. *Xelb*. Silves. 3.
- GOLVIN, L. (1980) – Les céramiques émaillés de periode hammadide Qal'a des Banu Hammad. Algérie. In *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*. Paris: CNRS. p. 203-217.
- GOLZIO, K.-H. (1995) – Zum Aufstieg der Almohaden in Marokko und ihrem Verhältnis zur Kunst. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 36, p. 349-354.

- GUERRA, A., FABIÃO, C. (1993) – Uma fortificação Omíada em Mesas de Castelinho. Almodôvar. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 85-102.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1993) – La cerámica paleoandalusí del sureste peninsular. Tudmir. Producción y distribución. Siglos VII al X. In *La Cerámica Altomedieval en el Sur de al-Andalus*. Granada. p. 39-65.
- INIGUEZ SÁNCHEZ, M. C. Y MAYORGA MAYORGA, J. F. (1993) – Un alfar emiral de Malaga. In *Cerámica Altomedieval en el Sur de al-Andalus*. Granada. p. 130-131.
- IZQUIERDO BENITO, R. (1986) – Tipología de la cerámica hispanomusulmana de Vascos. Toledo. In *Cerámica Medieval en el Mediterraneo Occidental*. Madrid. p. 113-125.
- KEMNITZ, E.-M. von (1997a) – O Património islâmico de Silves no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. In *Actas das III Jornadas de Silves*. Faro: Tipografia União.
- KEMNITZ, E.-M. von (1997b) – In Memoriam José D. Garcia Domingues. In *Portugal e o al-Andalus*. Lisboa. p. 46-47.
- KUBIAK, W. B., (1970) – Medieval ceramic oil lamps from Fustat. *Ars Orientalis*. Washington. 8, p. 1-18.
- LACAM, J. (1953) – Étude et classement des lampes à l'huile musulmanes. *Cahiers de Byrsa*. 3, p. 197-203.
- LOPES, D. (1896) – Cousas arabico-portuguesas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 206-208.
- LOPES, D. (1968) – *Páginas Olissiponenses*. Lisboa: Câmara Municipal.
- MACHADO, J. L. S. (1920) – Acquisições. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 284-285.
- MACHADO, J. L. S. (1965) – *Subsídios para a História do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos*. Lisboa: Ministério de Educação Nacional. p. 431.
- MACHADO, J. P. (1991) – *Vocabulário português de origem árabe*. Lisboa: Editorial Notícias.
- MACIAS, S. (1993) – Moura na Baixa Idade Média. Elementos para um Estudo Histórico e Arqueológico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 127-157.
- MACIAS, S. (1996) – *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcaçova*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 204.
- MATOS, J. L. de (1971) – Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. p. 571-576.
- MATOS, J. L. de (1991) – Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Occidental*. Mértola: CAM. p. 429-456.
- MATOS, J. L. (1992) – Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. In *Arqueologia Medieval*. Porto: ed. Afrontamento. vol. 1.
- MOTOS GUIRAO, E. (1993) – La cerámica altomedieval de El Castellón. Montefrío. Granada. In *La Cerámica Altomedieval en el Sur de al-Andalus*. Granada. p. 209-237.
- (1987) – *Musée de l'IMA. Catalogue*. Paris.
- (1979) – *Museum für Islamische Kunst. Katalog*. Berlin.
- NAVARRO PALAZON, J. (1986a) – *La cerámica islámica en Murcia*. Murcia.
- NAVARRO PALAZON, J. (1986b) – El cementerio islámico de San Nicolas de Murcia. Nota preliminar. In *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Espanola*. Zaragoza. vol. IV, p. 7-37.
- NYKL, A. R. (1942) – As inscrições árabes no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 23-31.
- NYKL, A. R. (1946) – Arabic Inscriptions in Portugal. *Ars Islamica*. Washington. 11, p. 167-183.

- PAVÓN MALDONADO, B. (1966) – Memoria de la excavación de Madinat al-Zahra. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid. 50.
- PERREIRA, M. L. E. da V. S. (1978) – Exposição temporária do 1.º Centenário da Carta Arqueológica do Algarve, 1878-1978. Estácio da Veiga, o Homem e a Obra. Lisboa: MNAE. Texto fotocopiado.
- PERREIRA, M. L. E. da V. S. (1981) – O Museu Arqueológico do Algarve, 1880-1881. Subsídios para o Estudo da Museologia em Portugal no Séc. XIX. *Anais do Município de Faro*. Faro. Separata.
- 1998 – *Portugal Islâmico: os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Ministério da Cultura / IPM / MNA.
- RIBEIRO, M. (1991) – Património cerâmico e linguístico português sob influência islâmica. In *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Occidental*. Mértola: CAM. p. 491-496.
- RODRIGUEZ TEMINO, I. Y NUNEZ PARIENTE DE LÉON, E. (1987) – *Excavaciones arqueológicas en Ecija. Diciembre, 1984*. Sevilla.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1962) – Bronzes árabes de Mallorca. *Al-Andalus*. Madrid. 27. (1), p. 229-232.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1964) – Hallazcos cerámicos en el Colegio de Montesión. Palma de Mallorca. *Al-Andalus*. Madrid. 29. (2), p. 329-337.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978) – Serie candil. In *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*. Palma de Mallorca: Diputación Provincial de Baleares. p. 48-55.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1980) – La céramique arabe à Majorque. Problèmes chronologiques. In *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*. Paris: CNRS. p. 297-309.
- ROSSELLÓ BORDOY, G.; CAMPOS COLL, J.; CANTARELLAS CAMPS, C. (1971) – Candiles musulmanes hallados en Mallorca. *Mayurqa*. Palma de Mallorca. 5, p. 134-161.
- ROSSELLÓ PONS, M. (1986) – Las Cerámicas almohades de la calle Zavellá de Palma de Mallorca. In *Cerámica Medieval del Mediterraneo Occidental*. Madrid. p. 189-191.
- SÁ, B. de (1906) – Relatório de uma excursão archeologica ao Alemtejo e Algarve. *O Arqueólogo Português*. vol. 11, p. 197-201.
- SALVATIERRA CUENCA, V. e CASTILLO ARMENTEROS, J. C. (1993) – Las cerámicas precalifales de la cora de Jaén. In *La Cerámica Altomedieval en el Sur de al-Andalus*. Granada. p. 241-258.
- SOUSA, J. de [Fr.] (1981) – *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*. Lisboa.
- SILVA, M. L. das N. (1967) – Carta ms. datada de 9 de Maio de 1967. Arquivo do MNA.
- SOUSTIEL, J. (1985) – *La Céramique Islamique. Le Guide du Connoisseur*. Genève: Office du Livre.
- TORRES, C. (1987) – *Cerâmica Islâmica Portuguesa. Catálogo*. Mértola: CAM.
- TORRES, C. (1995) – O espaço familiar e formas de habitar no Gharb al Andalus. In 1.ª *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*. Tondela. p. 33-40.
- TORRES, C. e SILVA, L. A. da (1989) – *Mértola, Vila Museu*. Mértola: CAM.
- TORRES BALBAS, L. (1955) – *Artes Almoravide y Almohade*. Madrid.
- TORRES BALBAS, L. (1946) – Las ruinas de las Mesas de Asta. *Al-Andalus*. 11, p. 210-214.
- USCATESCU BARRÓN, A. (1992) – Un ejemplo de tradición en las producciones cerámicas: las lucernas bizantinas y omeyyas de Gerasa. Yaras, Jordania. *Cesaraugusta*. Zaragoza. 69, p. 183-218.
- VALENTE, J. P. (1984) – Campo Arqueológico de Mértola. Uma experiência em arqueologia medieval. Problemas e métodos. Introdução

e primeira proposta de terminologia para algumas peças de cerâmica medieval. *Arquivo de Beja*. Beja. S. 2. 1, p. 47-67.

VALENTE, J. P. (1986) – A cerâmica islâmica medieval. Ponto da situação em Portugal. *Arquivo de Beja*. Beja. S. 2. 3, p. 275-277.

VASCONCELLOS, J. L. de (1900) – Da Lusitania à Bética. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5, p. 247-248.

VASCONCELLOS, J. L. de (1903) – Candeias arabes do Algarve. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 7, p. 119-123.

VASCONCELLOS, J. L. de (1915) – *História do Museu Etnológico Português, 1893-1914*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELLOS, J. Leite de (1920) – Candeia arabica de Cacula. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 230.

VEIGA, S. P. M. E. (1889) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. III.

VEIGA, S. P. M. E. da (1983) – *Memória das antiguidades de Mértola observadas em 1877 e Relatadas*. ed. facsimilada da 1.ª de 1883. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, A. [et al.] (1953) – De lo Preromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Espanol de Arqueologia*. Madrid. p. 113-138.

VILADÉS CASTILLO, J. M. (1985) – Candiles árabes del Teatro Romano de Zaragoza. *Boletín del Museo de Zaragoza*. Zaragoza. 4, p. 175-183.

VILADÉS CASTILLO, J. M. (1991) – Candiles hispano-musulmanes de Zaragoza. *Boletín del Museo de Zaragoza*. Zaragoza, 10.

WARD, R. (1993) – *Islamic Metalwork*. London: British Museum.

ZOZAYA, J. (1967) – Ensayo de una tipología y una cronología. *Archivo Espanol de Arte*. Madrid. 40, p. 133-154.

ZOZAYA, J. (1980a) – Aperçu général sur la céramique espagnole. In *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*. Paris: CNRS. p. 265-296.

ZOZAYA, J. (1980b) – Essai de chronologie pour certains types de céramique califale andalouse. In *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*. Paris: CNRS. p. 311-315.

ZOZAYA, J. (1981) – *Cerámica Andalusí*. Barcelona: Labor.